



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

THIAGO ACÁCIO RAPOSO

**NAS TRAMAS DOS VERSOS: A CONSTRUÇÃO DO HERÓI JOÃO PESSOA NA
LITERATURA DE CORDEL NORDESTINA (1928-1931)**

**CAMPINA GRANDE
2016**

THIAGO ACÁCIO RAPOSO

**NAS TRAMAS DOS VERSOS: A CONSTRUÇÃO DO HERÓI JOÃO PESSOA NA
LITERATURA DE CORDEL NORDESTINA (1928-1931)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria do Socorro Cipriano.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R219n Raposo, Thiago Acácio
Nas tramas dos versos [manuscrito] : a construção do herói
João Pessoa na literatura de cordel nordestina (1928-1931) /
Thiago Acácio Raposo. - 2016.
56 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano,
Departamento de História".

1. Literatura de cordel nordestina. 2. João Pessoa. 3. Herói.
I. Título.

21. ed. CDD 907.2

THIAGO ACÁCIO RAPOSO

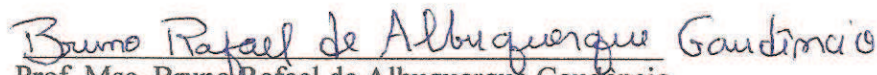
NAS TRAMAS DOS VERSOS: A CONSTRUÇÃO DO HERÓI JOÃO PESSOA NA
LITERATURA DE CORDEL NORDESTINA (1928-1931)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de licenciatura em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento às exigências para obtenção do
grau de Licenciado em História.

Aprovado em: 23/05/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Cipriano (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Msc. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^ª Msc. Rozeane Albuquerque Lima
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Em memória de Maria Berenice Acácio Diniz, minha
mãe de coração...

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual da Paraíba, pelas várias oportunidades e conhecimentos oferecidos no decorrer destes cinco anos de curso.

À professora Maria do Socorro Cipriano, pelas várias oportunidades oferecidas a um aluno da noite, turno este que é muitas vezes esquecido por outros(as) professores(as). Agradeço também por suas orientações e provocações que tornaram possível a realização deste trabalho. Uma pessoa maravilhosa cuja amizade me é extremamente importante.

Aos vários professores do Curso de História da UEPB, em especial, Maria do Socorro Cipriano, Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Rozeane Albuquerque Lima, Patrícia Cristina de Aragão Araújo e a Giselda, que contribuíram ao longo desses cinco anos de curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha mãe Maria, ao meu pai de criação Acildo, a minha Irmã/mãe de criação Micheline, pelo apoio em todas as minhas decisões.

A minha amada tia Berê (*in memoriam*), que nos deixou a tão pouco tempo, cujo vazio jamais será preenchido, mas que continua guiando os meus passos, como sempre o fez.

Aos colegas de classe, em especial, Wellington, Érika, Aline, Fabiano e Bruna, pelos momentos de amizade, apoio e pelas várias gargalhadas.

A minha linda esposa Nathálya, pelos vários puxões de orelha e por toda a sua paciência e compreensão. Sem você, nada disto seria possível, meu anjo.

“Morreu pela a aliança
Com o coração gentil
Como o oceano é verde
E o céu é cor de anil
Digo perante a Jesus
João Pessoa é uma luz
Que iluminava o Brasil”

Laurindo Gomes Maciel

RESUMO

Esta pesquisa propõe analisar a construção do herói João Pessoa na literatura de cordel nordestina, no contexto político da Paraíba do final da década de 1920 e começo de 30. Considerando que o cordel pode ser tomado como um jornal “popular” que circulava dentre os diversos grupos sociais no período, busca-se compreender como os textos poéticos o inscreveram naquele cenário de disputas políticas como o “defensor da moral e dos bons costumes” e como herói do povo. Esta imagem também ganhou novos contornos quando sua luta sai do mundo terreno e atinge outra dimensão do onírico. No diálogo com os leitores de época, os cordelistas recriam outras histórias para João Pessoa após sua morte, fazendo-o travar batalhas contra inimigos diabólicos. Atentos para a proximidade entre o discurso dos cordelistas e aquele produzido pela imprensa e historiografia oficial, faz-se necessário mergulhar nesse universo político do final da década de 30, onde uma “revolução” é posta em prática utilizando o assassinato de Pessoa como bandeira contra o governo federal, para entender de que modo os poetas populares observaram e registraram esse turbulento momento político, contribuindo, ao mesmo tempo, para a construção da imagem heroica do político. A presente proposta utiliza como aporte teórico-metodológico: Michel de Certeau e Roger Chartier e a historiografia relativa ao tema.

Palavras Chave: Literatura de Cordel Nordestina; João Pessoa; Herói

RESUMÉ

Cette recherche a pour but d'analyser la construction du héros Joao Pessoa dans la littérature de Cordel du nord-est brésilien, dans le contexte politique de la Paraíba des années 1920 jusqu'au début de 1930. En considérant que la littérature de Cordel pourrait être prise en tant que journal « populaire » qui circulait entre les différents groupes sociaux de cette période-là, nous cherchons à comprendre comment les textes poétiques ont mis le personnage de Joao Pessoa dans le scénario de conflits politiques, le « défenseur de la morale et des bonnes mœurs », et encore comme héros du peuple. Cette image a gagné de nouveaux contours lorsque sa lutte sort du monde terrestre et prend une autre dimension, celle du rêve. En dialogue avec les lecteurs de l'époque, les écrivains de cordel, c'est-à-dire « cordelistas », recréent autres histoires à Joao Pessoa après sa mort, en lui faisant livrer des batailles contre les ennemis diaboliques. Attentifs à la proximité entre le discours des cordelistas et celle produite par la presse et l'historiographie officielle, il est nécessaire de se plonger dans l'univers politique de la fin des années 30, où une « révolution » est mise en œuvre à l'aide de l'assassinat de Pessoa comme drapeau contre gouvernement fédéral, pour comprendre de quelle façon les poètes populaires ont observé et enregistré cette situation politique turbulente, ce qui contribue en même temps à la construction d'une image héroïque de cet homme politique. Pour ce travail il est utilisé le support théorique et méthodologique: Michel de Certeau et Roger Charrier, ainsi comme l'historiographie sur le sujet.

Mots-clés: Littérature de cordel du nord-est; Joao Pessoa; Héros.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Tipografias de Literatura de Cordel existente entre 1904 e 1930..... | 20 |
|---|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|---|
| CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| PIBIC | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica |
| PRP | Partido Republicano Paulista |
| PRP | Partido Republicano da Paraíba |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO I – O CORDEL E SEUS POETAS | 17 |
| 1.1 – Sobre os folhetos de cordel..... | 17 |
| 1.2 – Sobre os cordelistas e seus lugares sociais | 22 |
| CAPÍTULO II – CONSTRUINDO UM HERÓI | 28 |
| 2.1 – Eleições presidenciais de 1930: a campanha da Aliança Liberal | 28 |
| 2.2 – A Grande Guerra de Princesa | 32 |
| 2.3 – O assassinato de João Pessoa | 40 |
| 2.4 – A chegada de João Pessoa ao céu..... | 48 |
| 3 – CONCLUSÃO | 52 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 54 |

INTRODUÇÃO

“O Dr. João Pessoa
Com seu ato de bravura,
Tem mostrado o seu valor
Na mais sublime altura
Com coragem e presteza
Tem combatido Princeza
Com humildade e doçura”

João Severino da Silva

Discutir a figura do ex-presidente do estado da Paraíba, João Pessoa, é como navegar em um mar tempestuoso. O personagem é santificado e transformado em mito após seu assassinato, em 26 de julho de 1930. Sua morte é articulada à revolução de 1930, sendo atribuída a motivações de rivalidades políticas.

Da Paraíba ao Rio de Janeiro, João Pessoa morto torna-se ator de um grande espetáculo, para o qual foi compulsoriamente convidado para representar o papel de “redemptor do Brasil”, “o inolvidável”, “o grande e bravo João Pessoa”, “o santo civil paraibano”, “o apóstolo, profeta e messias”, que chegou ao ponto de “doar sua vida em holocausto à nação”, numa espécie de suicídio altruísta que o consagrou como mártir das liberdades democráticas no Brasil (VARELA, 2010, p. 218).

Vários historiadores, memorialistas e políticos construíram diversas versões sobre os acontecimentos do final da década de 1930, apresentando J. Pessoa como herói ou como vilão. Mas uma pergunta surge a partir do trecho do cordelista João Severino: de que maneira os poetas da literatura de cordel nordestina representavam o político João Pessoa em suas narrativas?

Caminhar pelas veredas da história é lembrar um tempo perdido que jamais poderá ser recuperado em sua essência. Se a verdade histórica um dia existiu, ela morreu com o passado. Escrevemos sobre aquilo que não podemos mais tocar, que está distante de nós. Os vestígios deixados por outrem são as únicas possibilidades de diálogo com um passado. Cabe a nós historiadores, a produção de uma narrativa histórica que evidencie os seus limites. A escritura da história, que supõe a ordem cronológica, o fechamento do texto e o recheio dos interstícios, inverte o procedimento da investigação, que parte do presente, que poderia não ter fim e que se confronta sem cessar com as lacunas da documentação (CHARTIER, 2010, p. 15).

Dentre as várias atribuições do ofício de historiador, a pesquisa se revela enquanto uma atividade de extrema importância para a escrita histórica, já que o contato com as fontes possibilita uma verdadeira viagem ao passado. Ao folhear jornais e cordéis antigos, nos

imaginamos enquanto leitores de seu período de produção. Especialmente essas fontes desenvolvem uma função, perante aqueles que possuem certa sensibilidade histórica, que se assemelha aquela das máquinas do tempo de filmes de ficção científica. Elas nos permitem tocar, mesmo que por um milésimo de segundo, naquilo que outros foram antes de nós, mas que em muito explicam aquilo que somos hoje.

No projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) *As Tipografias de Literatura de Cordel no Estado da Paraíba (1918-1965)* – orientado pela Doutora Maria do Socorro Cipriano – do qual fui pesquisador bolsista entre 2013 e 2014, tive contato com inúmeros folhetos cordel. Dentre eles estavam alguns folhetos que tratavam a morte do político paraibano João Pessoa. Diante destas fontes, surgiram as primeiras inquietações: Qual a imagem que os leitores dos cordéis elaboraram sobre João Pessoa? De que maneira esses poetas representavam o político João Pessoa? As narrativas dessa literatura se assemelham aquelas apresentadas pelos jornais do período? À medida que investigava e articulava com a historiografia sobre João Pessoa, surgia outra indagação: a partir de quais referências simbólicas, os poetas do cordel teceram sua imagem como herói do povo? O historiador Luciano Queiroz (2013) apresenta um estudo semelhante: sua narrativa se propõe a analisar de que modo se deu a fabricação do mito João Pessoa a partir do ponto de vista oficial, atento para as batalhas travadas pelas elites em torno da memória do político morto. Nosso estudo, entretanto, assume um viés mais culturalista, por discutir de que modo se deu a heroização deste político em uma literatura “popular”¹, capaz de atingir as camadas mais pobres da população.

Durante esta pesquisa, não localizei folhetos contrários ao político paraibano. Os poetas aqui analisados apresentam o político João Pessoa enquanto um verdadeiro herói do povo, contribuindo para o movimento de mitificação proposto pela imprensa oficial. “Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos” (CARVALHO, 1990, p.55).

Aqui, nos propomos a refletir acerca de como se deu a elaboração do “herói” João Pessoa na literatura de cordel nordestina (1928-1931). No âmbito oficial, de acordo com Aires (2013), o político paraibano morto em 30 passa por um exercício semelhante. Vários fatos são elencados e empilhados por inúmeros “construtores”, cujo objetivo é o de edificar um símbolo que sirva de bandeira para uma revolução e, posteriormente, para um regime. Nosso recorte

¹ Nosso estudo não faz uso da dicotomia popular/erudito, seguindo as prerrogativas de Roger Chartier (2010), por isso o uso das aspas no decorrer do texto.

temporal inicia com o momento em que João Pessoa assume a presidência da província da Parahyba (1928) e finaliza com a data de publicação do último folheto analisado (1931), estabelecendo o limite de nossa escrita.

Esta proposta compreende a literatura de cordel como uma fonte possível para o campo da história, no sentido de analisar o contexto histórico-cultural de determinadas comunidades. O cordelista transmitia para seus leitores as notícias sobre os principais eventos locais, regionais, nacionais e, até mesmo, mundiais. Sua narrativa estava permeada por todo o discurso moralizante do período, deixando transparecer marcas de subjetividade que muitas vezes não observadas com tanta facilidade em outros tipos de fonte.

Segundo Abreu (1999), a literatura de cordel nordestina² surge no final do século XIX, no momento em que se começa a escrever em folhetos os combates orais travados pelos violeiros, conhecidas como pejejas. Essa literatura recebeu certa influência da literatura de cordel lusa, mas ela diferencia-se da produção europeia pela sua uniformidade e sistematização.

Para Curran (2003), os cordéis de caráter informativo³ apresentam um discurso semelhante, se não idêntico, aquele apresentado pelos meios de comunicação oficial. O cordelista lia as informações proferidas pelos jornais e as reescrevia em forma de rimas e de forma resumida para que pessoas de quaisquer classes sociais conseguissem compreender a mensagem transmitida pelo folheto. O autor utiliza os termos “Jornal do povo” para definir a relação entre jornal e cordel, mas isso não implica dizer que os mais abastados não liam esses folhetos. A vida e morte de João Pessoa são exemplos claros de eventos políticos noticiados a exaustão pelos meios de comunicação oficial e que não escaparam ao olhar atento do poeta de literatura de cordel

Para melhor compreender a função dessas reedições no âmbito cordelista, podemos citar Chartier (2002) quando analisa os “livros azuis”⁴, publicados na França entre os séculos XVI e XVII. Segundo o autor, esses livros eram reedições de publicações direcionadas a um público “elitista”, tendo em vista o seu alto custo. Alguns livros eram resumidos e outros

² Mas que Nordeste é esse, se, de acordo com Albuquerque Junior (2013), o Nordeste só é “inventado” entre as décadas de 20 e 40 do século XX? O ponto de vista autora é anacrônico, mas isso não desmerece a grandiosidade de seu estudo.

³Vários temas são abordados pelos cordéis e os contos dos principais eventos políticos e sociais não ficam de fora. Esses possuem um caráter informativo, no sentido de levar a notícia aqueles que não tinham acesso aos meios oficiais de comunicação. Dessa maneira, o cordel se revela como um veículo de comunicação das pessoas mais simples.

⁴ Esse termo refere-se a livros de baixo custo vendidos na França entre o século XVI e XVII e que geralmente possuíam as capas azuis.

tinham parágrafos inteiros apagados. Essas edições eram feitas com o intuito de baratear os custos dos livros e de tornar a leitura mais fácil para o novo público.

Podemos supor que muitos cordéis, assim como os “livros azuis”, foram produzidos através de edições ou reedições de outros veículos de informação (jornais, revistas, livros, entre outros), ou seja, as informações produzidas para circular em determinado espaço⁵, são desviadas para outros. O cordelista, nesse sentido, tem o papel de recodificar as informações do espaço “elitista” para o “popular”, fazendo com que as camadas mais pobres da população tivessem a possibilidade de ter acesso a informação.

As pessoas que liam os cordéis não o faziam de forma passiva, pois a partir do momento em que elas liam, colocavam em prática toda sua subjetividade. Eles não aceitavam todas as informações sem antes as analisarem, filtrando-as, geralmente, a partir do conjunto de valores morais vigentes⁶ na sociedade. “A fina película do escrito se torna um removedor de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor” (CERTEAU, 1994). O leitor, através da prática da leitura, atribui outros sentidos às leituras.

Respalado nesse referencial teórico, este trabalho tem como finalidade uma breve análise sobre a construção do herói João Pessoa a partir da literatura de cordel. Utilizaremos como fonte primária catorze cordéis que se encontram arquivados na biblioteca Átila de Almeida⁷ (UEPB). Nos textos poéticos, Pessoa é apresentado como um defensor da moral e dos bons costumes; homem justo que “emprega os desempregados” e que evitava ao máximo o uso da violência com seus inimigos. Nesta perspectiva, os cordéis analisados apresentam uma legitimação do discurso oficial, que constrói a figura de João Pessoa como um herói nacional.

O primeiro capítulo, intitulado o *Cordel e seus Poetas*, se propõe a fazer uma breve genealogia da literatura de cordel nordestina, apresentando as questões sociais, culturais e econômicas que contribuíram para seu sucesso editorial. Outro objetivo é o de verificar de que modo esses poetas se posicionam perante os eventos políticos do final da década de 30, em especial sobre aqueles que contam com a participação do político João Pessoa, cuja existência ganhou proporções nacionais com a sua participação na chapa opositora a do governo federal

⁵Produções direcionadas a um público com condições financeiras mais favoráveis a compra.

⁶ Ideologias apresentadas pela Igreja, pelo governo, pelos jornais, pelas escolas, entre outras instituições.

⁷ A biblioteca conta com cerca de 16 000 títulos de literatura de cordel, possuindo o segundo maior acervo do mundo. Além dos folhetos, a biblioteca também possui um variado acervo de jornais, revistas e livros raros.

na corrida presidencial e com a sua trágica morte atribuída a motivações políticas pelos jornais e folhetos de cordel.

No segundo capítulo, sob o título *Construindo um herói*, é posto em prática uma operação historiográfica que tem como objetivo verificar de que modo se deu a construção de uma imagem heroica sobre o político paraibano João Pessoa no Cordel nordestino, dando destaque para a influência midiática da época, já que esta era a principal fonte para a escrita dos poemas dessa literatura.

CAPÍTULO I – O CORDEL E SEUS POETAS

1.1 – Sobre os folhetos de cordel

Para entendermos como a literatura de cordel ajudou a criar uma imagem heroica do político João Pessoa, faz-se necessário discutir a relação dos folhetos enquanto uma fonte de informação muito importante para a população da época. Atentos para a importância social dos poetas que eram considerados por suas comunidades enquanto um representante dos interesses e opiniões destes, cuja fala era considerada como condutora da verdade. Em uma sociedade onde a maioria da população era analfabeta ou semianalfabeta, o saber se apresentava enquanto um lugar de poder, parafraseando Michael Foucault (1984).

A literatura de cordel, como conhecemos hoje, nem sempre foi conhecida por essa nomenclatura. Como nós apresenta Regina Horta Duarte no prefácio da obra *A Feira dos mitos* (2013), de autoria de Durval Muniz de Albuquerque Junior, o Folheto de Feira nordestino terá sua nomenclatura modificada pelos estudiosos folcloristas das décadas de 1960 e 1970, interessados em construir um elo de ligação entre a literatura “popular” e o cordel português. Evento este que também foi observado por Marcia Abreu:

Apesar de, atualmente, utilizarmos o termo “Literatura de Cordel” para designar as duas produções, os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção, referiam-se a ela como “Literatura de Folhetos” ou, simplesmente, “Folhetos”. A expressão “Literatura de Cordel Nordestina” passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente. Na mesma época, influenciados pelo contato com os críticos, os poetas populares começam a utilizar tal denominação (ABREU, 1999, p. 17-18).

Em nossa pesquisa, optamos por utilizar os termos “Literatura de Cordel” e “Folhetos” como sinônimos, por se tratarem de documentos produzidos no final dos anos 20 e começo da década de 30, produzidos em um determinado contexto social e cultural onde eram conhecidos por folhetos de feira; e também por assumir o movimento intelectual proposto por este trabalho, onde acadêmicos propõem um diálogo com obras produzidas a mais de oitenta anos, obras estas que não são mais conhecidas como folhetos, mas sim, como cordéis.

A Marcia Abreu (1999) propõe, em seu livro, uma desconstrução acerca das teses da origem lusa do cordel nordestino. Segundo a autora, o cordel nordestino se diferencia da produção lusa, no momento em que este primeiro é provido de uma série de sistematizações e

regras construídos e instituídos pelos próprios poetas da Geração Prima⁸. Dentre os principais autores da literatura de cordel, destacamos Leandro Gomes de Barros que é considerado por muitos autores, a exemplo de Aderaldo Luciano (2012) e a própria Marcia, como o patrono da literatura de cordel.

Segundo Átila de Almeida e José Alves Sobrinho (1978), Leandro nasceu e cresceu em meio a uma ebulição artística e cultural, marcada pela presença marcante dos cantadores e glosadores. Aderaldo Luciano afirma que Leandro não foi o primeiro a transcrever os versos cantados pelos violeiros, cabendo isso a Pirauá, mas foi o primeiro a sistematizar essa literatura, dando um aspecto de singularidade para com as produções anteriores e com a própria produção lusa.

Michel de Certeau (1994) nos apresenta o conceito de *economia escriturística*, onde a oralidade é, aos poucos, substituída pela escrita. Entretanto, essa substituição da oralidade pela escrita não implica na aniquilação desta primeira, muito pelo contrário, ambas convivem sobre o mesmo espaço de tempo e muitas vezes interagem entre si. Cabe aqui percebermos que os versos improvisados ou ensaiados, emergidos nos embates travados entre os violeiros ou cantadores, tiveram seu espaço modificado com a transfusão destes para a cultura escrita.

A literatura de cordel, como entendemos hoje, nasce de uma ebulição artística e cultural. Mesclaram-se elementos da literatura lusa e da oralidade com uma “pitada” da originalidade dos poetas nordestinos, surgindo assim uma literatura única.

O cordel assume um papel importantíssimo em meio a uma sociedade composta, majoritariamente, por pessoas analfabetas ou semianalfabetas, pois, funcionava em diversos momentos como um *jornal popular*, como nos apresenta o pesquisador Mark Curran (2003). Segundo este autor, o cordelista lia as informações transmitidas pelos principais veículos de comunicação oficiais – no nosso caso, o jornal – e transcrevia em forma de versos às notícias mais importantes.

Essa literatura se diferencia de qualquer outra pelo modo como é lida. A historiadora Rosilene Alves de Melo (2010), assim como a antropóloga Ruth Brito Lêmos Terra (1983), nos apresentam um dado interessante ao evidenciar que a literatura de cordel é pensada não para ser lida em uma individualidade – o que não implica que não o é/era feito – mas para ser

⁸ Composta pela primeira geração de poetas de literatura de cordel, responsáveis pela normatização da literatura e pelo estabelecimento de um público consumidor. Segundo a Fundação Casa de Rui Barbosa, esta primeira geração é composta por: Antônio Ferreira da Cruz, Francisco das Chagas Batista, João Melquíades Ferreira da Silva, Severino Milanês da Silva, Silvino Pirauá de Lima, José Camelo de Melo Resende e Leandro Gomes de Barros.

lido em coletividade ou até cantado, quando fazemos referência ao gênero Romance. Ao ser lido em voz alta, o cordel atinge um público muito mais amplo, pois, até aqueles que não sabem ler contemplam atenciosos as histórias ou notícias fantásticas impressas naquelas folhas costuradas⁹, constituindo um “Público de Auditores”. Expressão utilizada por Antonio Candido para designar a elite analfabeta que no Brasil escutava, em saraus e reuniões familiares, a leitura de romances e poemas (TERRA, 1983, p. 35).

Todas essas características facilitaram a difusão do cordel pelo norte e nordeste brasileiro, composto de um público ávido por diversão e informação, tendo em vista as mais variadas condições sociais e econômicas, cuja sede foi saciada por uma literatura barata e divertida. Sobre os fatores que permitiram o sucesso editorial da literatura de cordel, De Melo afirma que

O início do século XX no Brasil é marcado por acontecimentos que produziram um contexto favorável ao surgimento de uma produção sistemática de folhetos: a formação de uma comunidade de “leitores” de folhetos no sertão e nas vilas do interior, a possibilidade de aquisição de prelos e máquinas por pequenos editores autônomos e, finalmente, pelo surgimento de poetas cuja sensibilidade para tratar os problemas sociais e o cotidiano da população tornou a literatura de folhetos um sucesso editorial ímpar (DE MELO, 2010, p. 62).

O triunfo editorial dessa literatura se deu também por conta das redes de articulações postas em prática por alguns poetas. A título de exemplo, citemos as relações entre Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista: em 1916, na cidade do Recife, Leandro produzia seus folhetos e enviava alguns deles para que Chagas Batista os vendesse na Parahyba do Norte, então capital paraibana, e, desse modo, o poeta conseguia cobrir uma região muito mais ampla, aumentando assim seus lucros e sua fama. Outra possibilidade se dava quando um vendedor de folhetos, não necessariamente um cordelista, entrava em contato com um determinado poeta a fim de comprar uma grande quantidade de obras a serem vendidas em outras regiões. Essas compras em grande quantidade poderiam ser feitas nas próprias casas dos poetas ou pelos Correios, onde o dinheiro era enviado antecipadamente e os folhetos eram mandados posteriormente pelos Correios, por trem ou até mesmo no “lombo” de animais.

Os cordéis que começaram a ser produzidos, impressos e vendidos em pequenas quantidades pelos seus próprios autores, entre o fim do século XIX e início do século XX, começaram a ganhar grandes proporções quando se instituiu essa rede de articulações entre vários autores de diversas regiões. Diante disso, os lucros daqueles folhetos de baixíssimo

⁹Antes da popularização dos grampos, os cordéis tinham suas páginas costuradas.

custo foram se revelando proveitosos e motivaram a fundação de tipografias especializadas na edição e impressão de folhetos.

Dentre as várias tipografias fundadas no início do século XX, destaca-se a Popular Editora, que funcionou entre os anos de 1913 e 1933 na cidade de Parahyba/João Pessoa, pertencente ao poeta paraibano Francisco das Chagas Batista. Em seu auge, chegou a publicar cerca de 1.000 romances e 3.000 folhetos por dia, como aponta a historiadora De Melo (2010). Devido a essa enorme tiragem, podemos supor que seus folhetos eram vendidos para várias regiões, através das redes de articulações promovidas entre os vários poetas.

Segundo a pesquisadora Ruth Terra, entre 1904 e 1930, existiam vinte tipografias que imprimiam folhetos de cordel no país: “Recife contava com nove tipografias que faziam folhetos, a Paraíba, com quatro [...] Havia ainda outras, em Fortaleza, Maceió, Natal, Belém do Pará e Rio de Janeiro” (TERRA, 1983, p. 24). Diante dessas informações, Lucia Gaspar (2009), bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco, elaborou uma lista das tipografias que atuaram entre 1904 e 1930, que foi organizada em forma de tabela para facilitar nosso estudo:

Tabela 1: Tipografias de Literatura de Cordel existente entre 1904 e 1930

| CIDADE | TIPOGRAFIA |
|-------------------|--|
| Recife | Imprensa Industrial Tipografia Miranda Tipografia Moderna Tipografia do Jornal do Recife Tipografia da Livraria francesa Tipografia Perseverança Tipografia Mendes Tipografia Chaves Tipografia de J. Martins de Athayde |
| Paraíba | Tipografia da Livraria Gonçalves Pena Tipografia Pernambucana Tipografia Popular Editora Tipografia de Pedro Batista |
| Fortaleza | Tipografia Minerva de Assis Bezerra |
| Maceió | Tipografia Fernandes Tipografia Lima |
| Currais novos, RN | Tipografia d' O Progresso |
| Belém, PA | Tipografia Editora Guajarina |
| Rio de janeiro | Tipografia Papelaria Pacheco Tipografia Antunes |

A partir de tais informações, podemos perceber a ampla importância desempenhada pela literatura de cordel nas sociedades do norte/nordeste do Brasil, responsáveis por certo

desenvolvimento econômico e por uma ampla difusão das notícias relacionadas aos “grandes eventos” políticos, econômicos e climáticos. Nas palavras de Orígenes Lessa, em meados da década de 1950: “Os desastres, as inundações, as secas, os cangaceiros, as reviravoltas da política alimentam o caráter jornalístico dessa produção que sobe a centenas de títulos por ano. O bom crime é a alegria do poeta. [...] Juscelino, Jânio, Jango botaram feijão em muita mesa de poeta” (LESSA *apud* CURRAN, 2003, P. 23).

Desse modo, os acontecimentos ligados ao político João Pessoa se relevaram promissores para a literatura de cordel, pois, tratavam de eventos que evoluíram toda a política nacional (eleições presidenciais). A morte de Pessoa, atribuída a motivações partidárias, chocou as populações de vários estados brasileiros, pois teria sido fruto de uma perseguição política (do governo federal), além de ter acontecido de uma forma que impossibilitou a defesa do mesmo (assassinado de modo que não pode tentar revidar), isso feria os valores morais da época, cujas características principais eram a honra e a coragem. Os poetas da literatura de cordel, potenciais transmissores desses valores, não deixaram de expor seu descontentamento com o destino de J. Pessoa, não medindo esforços para construir uma figura heroica sobre o político morto.

É dentro desse contexto, de produção e consumo, que estão inseridos os poetas da literatura de cordel, autores das obras que serão analisadas no segundo capítulo. Nossa pesquisa localizou e utilizou um total de catorze folhetos, produzidos entre 1929 e 1931, que tratam da figura do político paraibano João Pessoa e que foram publicados em três províncias (estados): três foram produzidos no Pará, um em Pernambuco e dez na Paraíba. Diante disso, partamos para uma viagem a fim de conhecermos um pouco sobre a trajetória de vida dos poetas, cujas obras serão analisadas no próximo capítulo, como já foi dito, com o objetivo de identificar os seus posicionamentos políticos e/ou ideológicos. Entretanto, é importante deixar claro algumas de nossas limitações: duas obras não possuem o nome de seus respectivos autores¹⁰ e não foi encontrado nenhuma informação sobre os autores Martins da Costa e João Severino da Silva. Diante dessas restrições, será proposta uma contextualização mais geral sobre seus lugares sociais.

¹⁰Foi efetuada uma pesquisa nos vários dicionários bio-bliográficos de poetas populares, entretanto, nenhum pesquisador localizou a autoria dos folhetos: *A Victoria da Revolução Brasileira* e *A Grande Guerra de Princeza – sua independencia por José Pereira*.

1.2 – Sobre os cordelistas e seus lugares sociais

Como já fora anunciado acima, foram três os folhetos produzidos no Pará, cuja temática envolve diretamente o objeto de nossa pesquisa. Thadeu de Serpa Martins é o autor de *A Sucessão Presidencial* e do *Assassinato do presidente João Pessoa* e o poeta Arinos de Belém é o autor de *A Revolução Victoriosa*, ambos publicados pela Editora Guajarina, localizada em Belém. Antes de falarmos sobre esses poetas, é de extrema importância situarmos o leitor no que diz respeito a importância da Editora Guajarina e que não deixa de estar intimamente interligado com os autores analisados.

A década de 1920 é marcada pela formulação de uma nova geração de poetas da literatura de cordel, assim como pela consolidação de algumas tipografias. Para Mark Curran:

A grande novidade seria o surgimento e o sucesso de um cordel regional, em Belém do Pará, com a Editora popular Guajarina, que divulgou não só o trabalho de poetas tradicionais [ao exemplo de Leandro Gomes], como o de cronistas que marcariam presença nos trinta anos seguintes – como Arinos de Belém, Thadeu de Serpa Martins e, em especial, Zé Vicente (CURRAN, 2003, p.87).

Segundo Maria Ángeles García Collado (2002), “os poetas Arinos de Belém, Thadeu de Serpa Martins e Zé Vicente têm narrado com um vocabulário próprio os problemas mais atuais, assegurando a conservação e a transmissão de narrativas inspiradas no imaginário tradicional”¹¹ (p. 117, tradução nossa). Essa editora desenvolvia um papel extremamente importante, pois, além de informar e entreter, matava a saudade das populações nordestinas que migraram para o Pará, fugindo das secas e da pobreza, em busca de uma vida melhor naquilo que ficou conhecido, a posteriori, como “O ciclo da borracha”. O sucesso dessa tipografia foi garantido pela presença massiva de um público consumidor que já conhecia a literatura de cordel.

Não foi encontrado um trabalho bibliográfico sobre o poeta Thadeu de Serpa Martins o que dificulta a operação proposta por nós. Segundo Àtila de Almeida e José Alves Sobrinho (1978, p. 178), pesquisadores responsáveis por montar uma verdadeira cartografia dos repentistas e dos poetas de bancada, ele “foi um poeta popular, provavelmente, cearense. Editou vários folhetos pela Guajarina em Belém do Pará”. Essas informações pouco

¹¹ Los poetas Arinos de Belém, Thadeu de Serpa Martins y Zé Vicente han narrado con un vocabulario propio los problemas más actuales asegurando la conservación y transmisión de narrativas inspiradas en el imaginario tradicional.

contribuem para entendermos quem foi esse homem e qual a sua importância para a literatura de cordel.

Diante disso, optamos por analisar os títulos de algumas de suas obras¹². Das oito encontradas, quatro possuem um caráter “jornalístico”, ou seja, metade de sua produção tinha como objetivo informar o leitor sobre algum evento, seja a morte de uma pessoa famosa (Pe. Cícero, por exemplo) ou mesmo um evento de “importância nacional” (O levante de São Paulo em 1932). Desse modo, podemos perceber que o autor era bastante familiarizado com os jornais oficiais – principal meio de comunicação – o que não era nenhuma novidade, como já foi visto.

Desde o seu folheto *A sucessão Presidencial*, Serpa Martins deixa em evidência seu apoio e admiração ao político paraibano João Pessoa. Admiração esta que se transformou, no momento da morte do político, em ódio aos opositores. Pelo esforço empenhado – ver próximo capítulo – pelo poeta na construção de um herói nacional, podemos perceber seu claro posicionamento em apoio a Pessoa.

Não encontramos praticamente nada sobre Arinos de Belém. Sabemos apenas que era “poeta popular, provavelmente maranhense” (ALMEIDA & ALVES SOBRINHO, 1978, p. 90) e que produzia muitos folhetos “jornalísticos”, que ao que me parece é o forte da Editora Guajarina¹³. Seu posicionamento político é semelhante ao de Thadeu de Serpa, ao exaltar sua indignação com o assassinato do presidente paraibano e em apoio a “revolução” encabeçada pelo político gaúcho Getúlio Vargas. Ele cita o fato de o hino à João Pessoa estar sendo cantado em todos os lugares do Brasil, sendo curioso observar que o poeta Thadeu de Serpa Martins traz esse mesmo hino impresso nas últimas folhas de seu cordel sobre a morte de Pessoa, contribuindo para a difusão de um símbolo que engrandecia o político morto, legitimando o movimento político/militar em curso.

Como já fora observado na tabela 1 (p. 20), existiram no Recife um total de nove tipografias que publicavam cordéis entre 1904 e 1930, se configurando como o principal centro de produção e difusão dessa literatura no país. Quase todos os poetas que moravam nesta cidade ou próxima a ela, recorriam a uma dessas tipografias a fim de imprimir os seus poemas. Curioso, no entanto, é o silêncio que se fez no que diz respeito a morte de João

¹²Ver *Dicionário Bio-bliográfico de repentistas e poetas de bancada* (1978) do José Alves Sobrinho e do Átila de Almeida.

¹³A termo de exemplo, o poeta Zé Vicente produziu um total de catorze folhetos narrando os eventos da Segunda Grande Guerra Mundial.

Pessoa. Encontramos apenas uma obra produzida ali e, mesmo assim, ela não possui o nome de seu autor.

A Victoria da Revolução Brasileira, publicada no Recife em 1930, possui apenas duas estrofes – das quarenta e seis – que fazem referência a morte do político paraibano, restringindo-se a falar sobre o movimento “revolucionário” que acabara de acontecer, citando a morte de Pessoa apenas como um dos tantos símbolos da “revolução”. Seria uma tentativa de diminuir a importância desse político? O folheto não nos permite responder a tal questão, ainda mais pelo fato de não haver o nome de seu autor.

A ausência de um maior número de folhetos sobre o evento, acontecido no próprio Recife, evidencia o silêncio de seus poetas, estarrecidos pelos acontecimentos ou, até mesmo, obrigados a manter-se em silêncio por serem opositores daquele que fora assassinado na Confeitaria Glória. Outra hipótese é a de que se tenha publicado folhetos contrários a João Pessoa, mas estes não sobreviveram ao clima tenso que se instalou no Brasil alguns dias depois ou, simplesmente, não sobreviveram a ação do tempo.

Na Paraíba, como era de se esperar, os ânimos se exaltaram com as notícias que vieram do Recife e isto refletiu na escrita dos poetas, que viram naquele evento trágico uma forma de pôr o pão em suas mesas. Mas, quem eram esses homens?

O primeiro deles é o cordelista Laurindo Gomes Maciel que, segundo Marco Haurélio (2010, p. 110), nasceu no município de Princesa Isabel – PB. Informação esta que diverge da apresentada pelo pesquisador Átila de Almeida, que atribui ao poeta o município de Santa Luzia do Sabugi, também na Paraíba, como local de seu nascimento. A versão de Haurélio faz mais sentido, pois, levando em consideração que este poeta era um opositor ferrenho do Coronel José Pereira¹⁴ - líder de Princesa entre a primeira e segunda década do século XX - e que por isto se viu obrigado a abandonar o estado da Paraíba em 1930, como nos apresenta Almeida & Alves Sobrinho (1978, p.173).

Cotidianamente se envolvia em intrigas políticas, o que era mais que justificável se levarmos em consideração que a esmagadora maioria de suas obras¹⁵ contemplavam as questões políticas do período em que vivia. Ao ler qualquer uma de suas obras percebemos um forte apelo aos valores morais cristãos, o que não é de se estranhar já que este era um católico extremamente tradicionalista. Era um homem de seu tempo.

¹⁴Como pode ser observado na leitura dos três folhetos analisados em nossa pesquisa.

¹⁵Para maiores informações, ver *Dicionário Bio-bliográfico de repentistas e poetas de bancada* (1978) do José Alves Sobrinho e do Átila de Almeida

Publicou três folhetos que contemplam a temática de nossa pesquisa, são eles: *A Morte do Grande Presidente João Pessoa*, *Viva a Revolução* e *A Chegada de João Pessoa no Céu*¹⁶, onde apenas este último foi publicado fora do estado da Paraíba, mais precisamente pela Editora Guajarina. Em todos três, deixa em evidência seu total desprezo pelo Coronel José Pereira e pelo seu correligionário João Duarte Dantas, exaltando a figura do presidente morto, chegando inclusive a imaginar a sua chegada no céu.

Outro poeta importante para nosso estudo foi Egídio de Oliveira Lima - Jornalista, Cordelista e Funcionário Público- que nasceu em Esperança (PB) em 1904 e morreu em João Pessoa em 1965. Poeta popular, jornalista, residiu em Esperança, Umbuzeiro, Itabaiana, Campina Grande e João Pessoa, onde faleceu. Além de poeta, foi um estudioso da literatura de cordel em um momento que esta recebia o total desprezo pela maior parte dos letrados paraibanos. Nos anos 1940 e 1950, publicou artigos sobre o Cordel nas revistas *Manáira* e *Arius*, dos quais fora colaborador e redator. É autor do livro *Folhetos de Cordel* e de mais de 30 folhetos. Foi um homem extremamente importante para os estudos dessa literatura, pois, “coleccionou as antigas edições dos folhetos de Leandro e de outros poetas, acervo esse que depois de sua morte foi adquirido pela Universidade da Paraíba, e segundo consta, apresentado à **Casa de Rui Barbosa**” (ALMEIDA & ALVES SOBRINHO, 1978, p.158, grifo do autor).

Egídio de Oliveira publicou o folheto *a Parahyba de Luto – O bárbaro assassinato do bravo presidente João Pessoa em Recife*, utilizando “Zé Parahybano” como seu pseudônimo. Provavelmente, o autor suprimiu seu nome do folheto por causa do medo de alguma represália, caso escrevesse algo que ferisse a memória do presidente morto – mesmo que não fosse sua intenção-, ou até mesmo para não afirmar publicamente o seu posicionamento político, tendo em vista as várias tensões sociais e políticas iniciadas em toda a Paraíba após a morte de Pessoa. Ninguém sabia ao certo qual seria o futuro político da província e, muito menos, do país. Se afirmar politicamente poderia ser algo perigoso caso o lado oposto vencesse a batalha. Apesar do receio quanto ao nome, o poeta não mediu esforços para exaltar a figura do presidente morto, lamentando a morte prematura do “maior paraibano”, expondo assim seu apoio a João Pessoa.

¹⁶Autoria atribuída por Átila de Almeida e José Aves Sobrinho em sua obra *Dicionário Bio-bliográfico de repentistas e poetas de bancada* (1978).

Outro folheto desse mesmo autor é *A Mizeria de 1930 e o Choro de 1931*¹⁷, onde o autor novamente suprime sua autoria. Nele, o poeta faz menção aos vários problemas econômicos, políticos e climáticos que assolavam o Brasil no final dos anos 30, afirmando inclusive que toda a Paraíba estava em lágrimas por causa da morte de seu maior líder.

O cordel *O Rompimento de Princesa e os Acontecimentos de Teixeira, Immaculada e Sant'Anna dos Garrotes* é de autoria de Romano Elias Paz - cantador e poeta popular - também conhecido como Romão Elias, que nasceu em 1901 no município de Mamanguape (PB). Costumeiramente se envolvia em confusões com outros poetas porque caprichava no trajar - usava chapéu de palhinha e anéis - e cantava sem pressa, improvisando bem e desconsertando seus adversários. Entre 1929 e 1931, a concluir das acusações de José Camelo, forneceu a Melchiades uma cópia manuscrita do romance de Camelo, *O Pavão Misterioso*, que Melchiades, evidentemente com algumas modificações, imprimiu como seu (ALMEIDA & ALVES SOBRINHO, 1978, p.212). É em meio a essa confusão que – onde que era acusado de ajudar João Melchiades a roubar o poema de Camelo – Romão Elias produz a obra citada acima.

O poeta informa as populações paraibanas os últimos acontecimentos da revolta de Princesa Isabel, destacando as batalhas ocorridas nas cidades citadas no título. Em nenhum momento ele narra as derrotas sofridas pelas tropas federais, exaltando a gestão do então presidente João Pessoa. Sua narrativa está de acordo com a imprensa oficial paraibana como veremos adiante.

O último poeta a ser apresentado é o José Camelo de Melo Resende, nascido no município de Pilõezinhos (PB) em 1885. “Meteu-se em várias situações atrapalhadas, mas sempre foi reconhecido como um homem imaginoso e brilhante. Era carpinteiro e parece ter feito xilogravuras” (ALMEIDA & ALVES SOBRINHO, 1978, p. 236). Entre 1927 e 1929 meteu-se em complicações e foragiu-se no Rio Grande do Norte e é nesse período que surgem os conflitos sobre apropriação indevida de sua obra *O Pavão Misterioso* por João Melchiades e Romano Elias, como já fora citado. De todos aqui mencionados é o que mais publicou folhetos, cuja preferência estava na escrita de romances. Entretanto, os eventos noticiados pelos jornais não passaram despercebidos por ele.

No cordel *A Susseção Presidencial ou o Grande Combate do Partido Conservador com o Partido Liberal*, o autor apresenta sua preferência pelo partido liberal, evidenciando

¹⁷A autoria desse folheto foi atribuída a Egídio de Oliveira por Átila de Almeida e José Alves sobrinho no *Dicionário Bio-bliográfico de repentistas e poetas de bancada* (1990).

seu posicionamento político/ideológico, não medindo esforços para engrandecer todos os candidatos desse partido, em especial o seu conterrâneo João Pessoa.

Por fim faz-se necessário a menção a duas obras cujos autores se apresentaram enquanto incógnitas em nossa pesquisa, são elas: *Os Acontecimentos da Parahyba* de Martins da Costa e *A Derrota de Princeza pelas Forças Legaes* de João Severino da Silva. Não fora encontrado nada, a não ser os folhetos já citados, que garanta a existência desses homens. Há-se duas hipóteses que podem responder momentaneamente essa interrogação: 1) esses nomes correspondem a pseudônimos, prática muito comum entre os poetas e de literatura de cordel do período; 2) tratam-se de homens que caíram no esquecimento por não ter feito tanto sucesso ou por conta do próprio acaso. O Cordel *A Grande Guerra de Princesa* não possui nenhuma evidência sobre sua autoria, mas verifica-se a influência da imprensa oficial e até mesmo de outros folhetos para a escrita do mesmo. É válido, entretanto, perceber que os três autores se colocam em apoio ao político João Pessoa, como será apresentado a seguir.

Tomando como ponto de partida esse contexto social, no qual se inscrevem os poetas apresentadas até então, partamos para uma análise sobre a construção do político João Pessoa na literatura de cordel, principal objetivo de nossa pesquisa e que será tratado no capítulo a seguir.

CAPÍTULO II – CONSTRUINDO UM HERÓI

Os poetas da literatura de cordel nordestina registravam em seus folhetos, praticamente, todos os eventos políticos, sociais e climáticos que ganhavam repercussão no cotidiano. Os folhetos que desempenham essa função jornalística são conhecidos como “circunstancial” ou, nas palavras de Mark Curran, como *jornal do popular*. Os cordelistas se valiam de uma “pesquisa” prévia para a produção de seus folhetos. Eles liam os vários jornais produzidos na época, principal meio de comunicação do público letrado, para em seguida transformar essas informações em versos, a fim de atingir o seu público consumidor (alfabetizados e analfabetos; ricos e pobres). Sendo assim, é possível observar certa influência dos jornais oficiais, como o A União, na produção da literatura de cordel paraibana.

Tomando como base essas informações, partamos para uma análise sobre os eventos abordados por essa literatura, na qual o paraibano João Pessoa aparece como uma das principais figuras a compor o cenário político do final da década de 30. Nosso estudo observou que a primeira citação a figura central de nosso estudo aparecesse nos cordéis produzidos em 1929 e que tratam das eleições presidenciais de 1930.

Em nosso texto, utilizamos apenas folhetos produzidos entre 1929 e 1931, pois estes nos serviram para compreender a maneira como os poetas de cordel contemporâneos ao período de João Pessoa retratavam este político em sua literatura, desde o seu governo a frente da Paraíba até o momento de sua pós-morte. Por este motivo, optamos por dividir o texto em quatro partes: 1) **Eleições presidenciais de 1930: a campanha da Aliança Liberal**; 2) **A Grande Guerra de Princesa**; 3) **A morte de João Pessoa**; e 4) **A chegada de João Pessoa no céu**.

2.1 – Eleições presidenciais de 1930: a campanha da Aliança Liberal

As primeiras citações ao político João Pessoa na literatura de cordel correspondem a narrativas de caráter “jornalístico” que tratam da campanha presidencial de 1930, comentando sobre a participação de Pessoa junto a chapa da Aliança Liberal. Para tanto, serão analisados neste item os cordéis: 1) *A Sucessão Presidencial*, de autoria do poeta Thadeu de Serpa Martins e publicado pela Editora Guajarina em junho de 1929; e 2) *A Sucessão Predicencial, ou o grande combate do Partido Conservador com o Partido Liberal*, de autoria do poeta José Camelo de Melo Resende e publicado em 1929.

O poeta Thadeu de Serpa Martins se diz neutro ao anunciar o combate presidencial entre o Partido Republicano Paulista (PRP) e a Aliança Liberal. Neutralidade esta que não sobrevive a primeira página de seu cordel, onde ele exalta a figura de Getúlio Vargas e lança uma feroz crítica ao mandonismo paulista:

Porém não é só São Paulo
Que nos pode Governar,
O Rio Grande do Sul
Tem dever de protestar
Pois tem filhos competentes
P'ra assumir qualquer logar (MARTINS, 1929, p12).

Diante disso, podemos perceber que o poeta conclama as reivindicações rio-grandenses e justifica estas como algo justo. Para tanto, lança mão de uma série de elogios que tem como objetivo a exaltação aos gaúchos, inscrevendo-os em sua narrativa como homens educados e respeitado na política e no direito. Segundo Thadeu de Serpa,

O Brasil póde orgulhar-se
De ter o povo gaúcho,
Um povo tão corajoso
Que aguenta repucho,
Pelo Brasil Fazem tudo
Mas não aguentam luxo” (MARTINS, 1929, p.13).

O discurso do autor citado acima tem como objetivo provocar uma identificação entre o seu público leitor e os “grandes” homens da política gaúcha, criticando o posicionamento do estado de São Paulo que queria manter o controle do país sob suas mãos. Ele se assemelha as narrativas de José Camelo de Melo Resende (1929) que afirmava que: São Paulo desejava manter o poder sob as mãos do eixo Minas/São Paulo e o Rio Grande do Sul tinha o direito de questionar essa má divisão do poder. Segundo Thadeu de Serpa, Washington Luís teria escolhido Antônio Carlos, presidente de Minas Gerais, para sucedê-lo, mas esse não o quis, indicando Getúlio Vargas, presidente do Rio Grande do Sul, para ocupar o lugar de candidato oficial. A indicação teria sido rejeitada pelo presidente da república e por mais 17 estados, pelo fato de que Vargas seria um político Liberal e a elite do PRP desejava um Conservador no poder. O intuito da atitude do governador mineiro seria o de permitir que outros estados tivesse a oportunidade de governar o país.

Tal narrativa destoa da historiografia relativa ao tema. O que houve em 1929, de fato, foi uma ruptura entre os membros da “política do café com leite” (São Paulo e Minas Gerais). Nas palavras de Eliete de Queiroz Gurjão:

[...] de acordo com o esquema café-com-leite, esperava-se a indicação do mineiro Antônio Carlos. Só que tal fato não ocorreu. O indicado foi outro representante dos paulistas: Júlio Prestes, rompendo-se, assim o pacto entre paulistas e mineiros. Como consequência os mineiros, liderados por Antonio Carlos, unem-se às lideranças gaúchas e formam o núcleo da aliança Liberal, grupo de Oposição (GURJÃO, 2004, p. 90-91).

O poeta Thadeu de Serpa, provavelmente, utilizou a fantasiosa “indicação” do líder mineiro e a sua rejeição a está, como forma de legitimar a bondade de Antônio Carlos, elemento este que engrandecia a narrativa em torno da honradez e preparo dos políticos da Aliança Liberal, em contrapartida a sede de poder apresentada pelo presidente Washington Luiz.

Em meio aos embates nacionais travados em torno da escolha do candidato oficial do Estado para as corridas presidências de 1930, a Paraíba, segundo Camelo (1929), não resiste a tanta injustiça e decide se unir ao Rio Grande do Sul e a Minas Gerais em uma campanha desafiadora ao poder vigente, sendo João Pessoa, “homem leal”, nomeado como vice-presidente da chapa da Aliança Liberal. Essa união também é saudada por Thadeu de Serpa, que considera os estados aliados como “três estrelas brilhantes”.

Sobre a adesão de João Pessoa a Aliança Liberal é importante citar a narrativa do evento a partir de uma testemunha, não ocular, bastante próxima ao presidente paraibano. Em seu livro de memórias *O ano do Nego*, José Américo de Almeida (1978, p. 15), político e amigo pessoal de Pessoa, relata a chegada de telegramas que convidavam João Pessoa a aderir a chapa da Aliança Liberal sob a forma de vice-presidente e outros que pedem o apoio do presidente para a chapa do catete. A decisão só foi tomada após uma consulta com Epitácio Pessoa e com os principais líderes do Partido Republicano da Paraíba (PRP). De acordo com o jornalista Ademar Vidal (1978), “João Pessoa reuniu, a 29 de junho de 1929, no Palácio da Redenção, as figuras mais destacadas do partido dominante, discutindo, então, o momentoso assunto” (p.50), cuja resposta foi a de não apoiar a candidatura de Júlio Prestes, caracterizando aquilo que ficou conhecido na história paraibana como *O dia do Nego*, também citada pela literatura de cordel.

José Camelo de Melo Resende, poeta paraibano, utiliza uma série de recursos para enobrecer a figura do então presidente do estado da Parahyba:

Na Parahyba do Norte
Nunca houve um patriôta
Como o Dr. João Pessoa
Pelo qual já não se afoda
Que nessa eleição de março
Se faça sua derrota (RESENDE, 1929, p.7, grifo nosso).

E aqui entramos em contato com um dado que consideramos extremamente importante para nossa pesquisa: João Pessoa já era engrandecido pelos poetas da literatura de cordel muito antes de sua morte.

O poeta continua sua narrativa, criticando os opositores paraibanos de João Pessoa, que estariam despeitados com a apreensão dos armamentos e os impostos implementados pelo governo de Pessoa. E afirma que “[...] Os impostos são flores / Com que o filho educado / Honra o altar da Mãe-pátria / Já pelo dever sagrado” (RESENDE, 1929, versos 3-6, p. 8).

O desarmamento citado pelo cordelista corresponde a uma das medidas saneadoras desenvolvidas por João Pessoa em seu governo à frente do estado da Parahyba e que provocaram um alvoroço entre as elites paraibanas, frente a um poder estatal que punha em cheque o seu poder pessoal e regional. Essa informação está de acordo com a historiografia sobre o governo de Pessoa:

Quanto às medidas saneadoras de João Pessoa, destacaram-se: substituição das chefias municipais; subordinação do fisco, da política e da justiça diretamente às suas ordens; eliminação do acúmulo de cargos; desarmamento dos “coronéis”; prisão de criminosos homiziados em suas fazendas; administração direta das obras públicas e fiscalização dos “coronéis” contratantes de obras (GURJÃO, 1994, p.71).

Para as populações nordestinas “a própria posse da arma sendo uma questão de honra, símbolo máximo de sua liberdade pessoal, se alguém viesse tomá-la, só o faria se o matasse” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p.194). Desse modo, podemos perceber o quão ofensivo foram as medidas tomadas pelo presidente Pessoa.

No que cerne ao aumento de impostos, diz respeito a uma série de ajustes fiscais promovidas por seu governo e que tinham com intuito combater o esvaziamento dos cofres públicos, ocasionados pela sonegação fiscal e pela corrupção da máquina pública. Esses aumentos, juntamente com sua política fiscalizatória, marcaram um período que ficou conhecido como a *Guerra Fiscal*. A historiadora Eliete de Queiroz Gurjão, em seu estudo sobre as oligarquias paraibanas, afirma o seguinte:

Após assumir o governo do Estado em 1928, João Pessoa, visando aumentar a arrecadação, procedeu a centralização tributária, retirando a máquina fiscal da influência dos “coronéis”, controlando-a rigorosamente, através da Secretária da Fazenda. Ao mesmo tempo, empreendeu a reforma tributária de acordo com os ditames da Associação Comercial, tentando reduzir o papel intermediador das praças comerciais vizinhas. Através da lei 673 de 17/11/1928, criou novo imposto de incorporação ou de “barreira [...] João Pessoa procurava estimular a concentração do comércio na capital, neutralizando as facilidades comerciais existentes entre as cidades do interior e os estados vizinhos, sobretudo o porto de Recife [...] (GURJÃO, 1994, p.73-74).

É demasiadamente importante frisar que as medidas “saneadoras” desenvolvidas por João Pessoa contribuíram para uma série de tensões políticas inter/intra-oligárquicas e que, como veremos mais à frente, não passou despercebido ao olhar atento dos poetas da Literatura de Cordel. Percebe-se que as informações apresentadas pelo poeta José Camelo de Melo Resende são proporcionalmente correspondentes as elencadas pela historiografia paraibana.

Ao final de suas narrativas ambos os autores, que a inicialmente propuseram neutralidade¹⁸, transparecem seus pontos de vista:

Terminando este folheto
História que achei bôa
Creio que não escrevi
De alguma maneira atôa,
Eu grito vivas bem altos
Um ao Vargas outro no Pessôa. (MARTINS, 1929, P.16)

O partido Liberal
É um partido que vem
Melhorar nosso Brasil
E já portanto ninguém
Não deixe de votar n’elle
Se quizer se sair bem (REZENDE, 1929, p. 11)

Diante do que foi exposto, podemos tomar algumas conclusões: *as narrativas da literatura de cordel do período estudado apresentam posicionamentos favoráveis a candidatura de Getúlio Vargas e de João Pessoa*, cujo silêncio de cordelistas em apoio ao candidato oficial Júlio Prestes pode ser compreendido graças a dinâmica política do período posterior a “revolução” de 1930, que perseguia aqueles que apoiaram a chapa perrepista ou até mesmo pelo desinteresse de conservar esse tipo de literatura; e *começam a aparecer elementos que apontam para uma construção de uma imagem “heroica” em torno da figura João Pessoa*.

2.2 – A Grande Guerra de Princesa

O ano de 1930 foi bastante marcante para o político João Pessoa. A Chapa da Aliança Liberal, a qual fazia parte, se viu derrotada na corrida presidencial. Além disso, João Pessoa teve que lidar com uma revolta na cidade de Princesa Isabel. Movimento encabeçado pelo “coronel” José Pereira de Lima, principal chefe político da cidade e pertencente ao Partido Republicano da Paraíba (PRP), alinhado com o Partido Republicano Paulista (PRP) do então presidente Washington Luís, cujos adeptos eram conhecidos como “perrepistas”.

¹⁸ “Eu que não sou Liberal / Nem tão pouco Governista, / Dou a minha opinião / Digo o meu ponto de vista / Para mim qualquer dos dois / Póde ganhar a conquista” (MARTINS, 1929, p. 14).

O início das tensões entre João Pessoa e as oligarquias locais se deu:

Em 1928, quando do término do mandato de João Suassuna no governo estadual, Epitácio contrariou a preferência de Suassuna e de alguns influentes coronéis do interior que tencionavam entregar o Palácio da Redenção ao então chefe de Polícia, Dr. Júlio Lyra. Sob a argumentação de que convinha elevar à presidência estadual alguém com isenção e serenidade, o grande chefe impôs aos correligionários o nome de seu sobrinho João Pessoa (SYLVESTRE, 1993, p.47).

As intrigas entre o líder de Princesa e o presidente da província da Parahyba tomaram proporções catastróficas quando o João Pessoa implantou diversos postos de fronteira entre os estados vizinhos, a fim de evitar a sangria tributária, passando a cobrar impostos sobre os produtos que entravam e saíam do estado, de modo a prejudicar os lucros dos grandes latifundiários, grupo o qual José Pereira estava inserido.

O estopim para o conflito foi a escolha dos candidatos paraibanos à deputação federal. João Pessoa, como presidente do estado, dirigiu-se ao Partido Republicano da Paraíba, escolhendo os futuros candidatos, defendendo a ideia expressa da rotatividade: quem já fosse deputado não entraria no rol de candidatos. Essa medida tinha como objetivo afastar João Suassuna, grande aliado de José Pereira. Entretanto, João Pessoa manteve na relação dos candidatos o nome de seu primo, Carlos Pessoa, que já era deputado.

Esse clima de tensões e contradições provocou o conflito conhecido como *A Revolta de Princesa*. Evento este que não passou despercebido ao olhar atento dos poetas da literatura de cordel. Serão analisados os folhetos: 1) *A Grande Guerra de Princesa: sua independencia por José Pereira*, de autoria desconhecida e publicada na Parahyba do Norte (atual João Pessoa) em 1930 pela folheteria Popular Editora; 2) *Os acontecimentos da Parahyba*, de autoria do poeta Martins da Costa e publicada na Paraíba em junho de 1930; 3) *O Rompimento de Princesa, e os acontecimentos de Teixeira, Immaculada e Sant'anna dos Garrotes*, de autoria do poeta paraibano Romano Elias da Paz em 1930; e 4) *A Derrota de "Princesa" pelas forças leaes*, de autoria de João Severino da Silva e publicado na Paraíba em junho de 1930.

Os motivos do conflito foram narrados pelo poeta desconhecido:

No palácio do governo
Depois duma reunião
Foram cortados diversos
Ausentes na ocasião
Dahi começou a encrenca
Que ascendeu o vulcão

Ficou só Carlos Pessôa
Vôou Suassuna e Massa
Daniel e Oscar Soares

Virou tudo na fumaça
Dahi rompeu a scisão
É quando tudo embaraça (AUTOR DESCONHECIDO, 1930, p.1).

Diante disto, podemos perceber que o autor registrou em seu folheto o acirramento das intrigas políticas após a escolha dos candidatos que iriam concorrer a deputação federal, onde foram excluídos vários políticos “tradicionais”, permanecendo apenas Carlos Pessoa, primo de João Pessoa. As contradições de Pessoa foram responsáveis, como já fora dito, por “ascender o vulcão” das tensões políticas paraibanas, que evoluíram para a luta armada em Princesa.

O mesmo cordel cita a viagem feita por João Pessoa a cidade de Princesa Isabel, dois dias após a escolha dos deputados. Nesta, o presidente é recebido com festa por toda a cidade. Entretanto, já percebia alguns indícios de que algo estava para acontecer naquela cidade. Retornando para a capital, João Pessoa recebe um telegrama do coronel José Pereira, líder local de Princesa, em que este anuncia uma ruptura com o governo paraibano, onde este apoiaria Júlio Prestes na corrida presidencial. Tinha início a revolta de Princesa.

Todos estes eventos foram narrados pelo poeta desconhecido e correspondem aquilo que foi apresentado pela historiografia sobre a história da Paraíba. Conforme nos apresenta Arthur Silveira Guimarães (2002, p. 8), “este rompimento é simbolicamente marcado por um telegrama remetido por Jose Pereira, chefe político de Princesa Isabel a João Pessoa, poucas horas depois de recebê-lo em seu município”.

Seguindo as prerrogativas da imprensa oficial, os autores dos quatro cordéis analisados neste item se valem de diversos recursos textuais para demonizar a figura do coronel José Pereira, inimigo declarado de João Pessoa após o rompimento de Princesa.

Segundo o poeta João Severino da Silva, que se auto declara um *historiador pernambucano*¹⁹:

Leitores fiquem sabendo
Que Zé Pereira, é tyrano!
Porem dr. João Pessoa
Defende os paraibanos
Assim posso garantir
Temos força para resistir
Não ha quem mude seu plano (SILVA, 1930, p. 4).

Já Martins da Costa se posiciona de forma mais sutil. Afirma que José Pereira queria ser mais poderoso e importante que o presidente João Pessoa e que teria declarado guerra

¹⁹ A utilização do termo supõe uma autovalorização do princípio de verdade da escrita do poeta. Tendo em vista que para a população paraibana (e até brasileira) em geral, aquilo que está presente em um livro de história é a verdade sobre determinado fato. É um recurso empregado pelo poeta para legitimar o seu lugar de verdade.

porque queria eleger João Suassuna deputado e tendo sua vontade contrariada, revoltou-se contra o presidente do estado. Mas rompe sua sutileza ao afirmar que José Pereira estava contratando todo tipo de cangaceiro e bandido para seu exército.

O autor desconhecido traz uma lista com algumas adesões do exército de Princesa:

Cincoenta e sete ladroes
Um batedor de carteira
Sete defloradores
Chefiados por um Ferreira
Doze ladrões de gado
Oito ladrões de feira.

Um fazedor de feitiço
Um sugeito vigarista
Um capanga mentiroso
Que só tinha uma vista
Nesse dia zepereira
Teve que passa revista.

Tinha mais cinco assassinos
Desses tais bem matadores
Um cabra ladrão de bode
Nove falsificadores
Setenta negros valentes
E quasi vinte arrombadores (AUTOR DESCONHECIDO, 1930, p. 10).

Podemos perceber que o poeta se vale de vários estereótipos e preconceitos existentes em época para desqualificar as forças de Princesa, grupo este composto basicamente de sujeitos de “má índole”, marginalizados da sociedade por suas práticas “promiscuas” (no caso do feiticeiro) ou violentas (os demais).

Em contraposição ao discurso sobre os terríveis “cangaceiros” aliados a José Pereira, a figura de João Pessoa é apresentada enquanto um herói bondoso e honrado. O enobrecimento da figura do político Pessoa, contribuiu para sua posterior heroização. De acordo com o poeta João Severino da Silva,

O Dr. João Pessoa
Com seu ato de **bravura**,
Tem mostrado seu valor
Na mais sublime altura
Com **coragem** e **presteza**
Tem combatido Princesa
Com **humildade** e doçura. (SILVA, 1930, p.1, grifo nosso)

Essas adjetivações estão carregadas de um intenso valor simbólico para as comunidades nordestinas, pois, como verificou Albuquerque Junior (2003), elas estão intimamente ligadas com o ideal de nordestino construído por suas comunidades entre os anos de 1920 e 1940. Para o autor,

O nordestino, portanto, fruto de uma história e uma sociedade violenta teria, como uma de suas mais destacadas características subjetivas, a valentia, a coragem pessoal, o destemor diante das mais difíceis situações. A literatura de cordel e outras manifestações literárias da região não cansavam de decantar homens valentes que conseguem resolver as mais difíceis situações por uma atuação pessoal e individual sua. Coragem e um apurado sentido de honra seriam características constituintes desses homens, que não levariam desaforo para casa. Homens que preferiam perder a vida do que perder a honra, serem desfeiteados publicamente (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p. 193- 194).

Romano Elias da Paz afirma, ao tratar das melhorias econômicas da Paraíba, que

Porque doutor Pessôa
Pagou o que ella devia
E cada dia em seu banco
Tem aumentado a quantia
Parahyba, hoje é liberta
Já bem vê que não se aperta
Com sua democracia (PAZ, 1930, p. 2, grifo nosso).

Ele apresenta João Pessoa como um homem honrado e digno, que lutou contra a “opressão e a tyrania dos coronéis” (p. 5) e que salvou a Paraíba da crise econômica a qual ela estava mergulhada a muitos anos. Diante disto, é notório o movimento de valorização e engrandecimento do presidente paraibano pelo poeta.

O cordelista Martins da Costa faz um movimento semelhante aos dois autores. Vejamos alguns de seus versos:

O presidente do estado,
Um **symbolo de honradez**,
Na vista dos governados
Vae crescendo cada vez;
No Brasil não ha governo
Que faça o que ele fez (COSTA, 1930, p.1, grifo nosso).

Homens como João Pessoa,
De **coragem** e de **valor**
É que o Brasil precisa
P’ra seu administrador
Nas mãos dele o Paiz
Teria outro valor. (COSTA, 1930, p. 12, grifo nosso).

Como "homem de coragem e de valor", Pessoa é apresentado pelo poeta como um “symbolo de honradez” e assim ele o transforma em um modelo para os demais governantes do período. Homem sério, justo, honrado e um administrador perfeito que equilibrou as contas do Estado. Estes são alguns das características apresentadas pelo autor, que finaliza seu folheto lançando a seguinte profecia:

Hoje o doutor João Pessoa
Se acha prestigiado,
O povo parahybano
Está quasi todo ao seu lado

Seu nome na nossa história
Será imortalizado (COSTA, 1930, p. 14, 1930, grifo nosso).

Os vários elogios do autor têm como objetivo a imortalização do político João Pessoa como uma figura honrada, corajosa e justa, que marcou as páginas da história paraibana com sua grandiosa existência. A imortalidade é o lugar reservado para Pessoa por suas inúmeras atitudes benéficas ao estado e ao povo da Paraíba.

Outro elemento característico dos cordéis analisados é o de vitimizar o presidente João Pessoa no que concerne ao momento do conflito de Princesa. Segundo os poetas citados aqui, João Pessoa se vê em meio ao fogo cruzado, já que o governo federal e os estados vizinhos se negavam a ajudar o governo paraibano na luta contra os revoltosos. O movimento feito por eles era justamente o contrário, pois financiavam o lado revoltoso ao repassar dinheiro, armas e munições. De modo que João Pessoa passou a ser considerado vítima da opressão federal, por este ter se negado a apoiar a campanha presidencial do candidato oficial e ainda ter participado como vice da oposição. De acordo com a historiadora Inês Caminha Lopes Rodrigues,

João Pessoa se viu bloqueado pelos estados vizinhos que iniciaram uma rigorosa fiscalização impedindo o desembarque de qualquer material bélico destinado ao governo da Paraíba.

A administração federal, por seu turno, não lhe concedia licença para a compra desse material, recomendando, ainda, severa fiscalização nas alfândegas (RODRIGUES, 1981, p. 38).

O poeta João Severino da Silva afirma que José Pereira e João Suassuna traíram João Pessoa, chegando a comparar Pereira à Judas e Pessoa à Cristo. O poeta se vale desse argumento para desqualificar a figura do opositor do presidente do Estado. Em uma sociedade desenvolvida com base nos preceitos cristãos e que engloba a grande maioria da população, ser comparado a figura de Judas, traidor do profeta e messias do cristianismo, é algo bastante ruim. Em contrapartida, ser comparado a figura de Cristo é um tanto quanto dignificador, pois toca em um dos mais íntimos sentimentos humanos: a fé.

A narrativa continua no tocante a aliança entre o líder de Princesa e os Pessoa de Queiroz, primos e rivais de João Pessoa, onde Pereira afirma que só uma intervenção federal poderia pará-lo. Se acontecesse uma intervenção, Pessoa seria desqualificado e despreparado, pois seria um governante incapaz de conter uma revolta dentro de seus domínios. Seria uma solução cômoda para os adversários de João Pessoa pois, com a intervenção, este seria

afastado da presidência e posto em seu lugar algum opositor (RODRIGUES, 1981, p. 50). Segundo o cordelista João Severino,

Zé Pereira respondeu
Não abandono a questão
Washington me garantiu
Dinheiro, arma e munição
Chore quem quiser chorar
Eu só deixo de brigar
Quando vier a intervenção (SILVA, 1930, p.3).

Este suposto apoio direto do presidente da república ao líder de Princesa contribui diretamente para as afirmativas acerca da opressão federal contra o presidente paraibano.

O autor desconhecido também contempla os eventos citados pelo poeta Severino da Silva. Suas narrativas abordam a aliança e José pereira, João Suassuna e os Pessoa de Queiroz, além do envio de munições para a cidade de Princesa. Segundo o poeta desconhecido,

Após esse rompimento
Na casa de Zépereira
Collocaram dois mil rifles
Limpendo ia a cabroeira
Passando oleo nos trincos
Pra bala fica ligeira (AUTOR DESCONHECIDO, 1930, p. 6).

Na casa de Zépereira
Parecia uma procissão
Fuzis, rifles e balas
Tinha em distribuição
Todo cabra recebia
Um rifle com munição (AUTOR DESCONHECIDO, 1930, p. 9).

De acordo com os versos acima, as tropas de Princesa Isabel estavam bem armadas e municadas, tal narrativa está de acordo com o que foi apresentado por Inês Caminha Lopes Rodrigues (1981). Bem diferente das condições do governo estadual, que tinha o acesso ao material bélico bastante restrito pelo governo federal.

Era uma situação difícilima, haja vista os óbices empreendidos pelo Governo Federal, que usou de todos os meios para impedir que a Paraíba adquirisse, legalmente, armas e munições para defender-se de um inimigo interno que atentava contra um Estado federado e pelos governos estaduais do Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Pernambuco, que vigiavam suas fronteiras impedindo ao máximo quaisquer possibilidades de entrada de material bélico, assim como impediram o livre trânsito dos soldados paraibanos em seus territórios, deixando os “cangaceiros” transitarem livremente (ASSIS, 2005, p. 15).

As principais batalhas do conflito também foram abordadas pela literatura de cordel, onde o principal movimento feito pelos poetas é o de engrandecer as tropas estaduais, atribuindo características como a honradez e a coragem, em contraposição as visões negativas

atribuídas as tropas de Princesa, como a perversidade e a covardia. Segundo o cordelista Romano Elias da Paz,

Vendo o Doutor João Pessoa
Que o coronel José Pereira,
Já dominava Tavares,
Imaculada e Teixeira,
Mandou logo um batalhão
P'ra garantir o sertão
E defender a dianteira (PAZ, 1930, p.5).

Sua narrativa faz uma descrição sucinta das batalhas em Teixeira, onde a polícia, heroicamente, enfrenta o perverso bandido, sob comando de José Pereira, “Aza Preta”²⁰ (p.6), que matava qualquer um para poder escapar da polícia estadual. Este, entretanto, acabou morto pelas tropas estaduais. Após a derrota, os “cangaceiros” teriam fugido para a Sant’Anna dos Garrotes, onde outra batalha teria sido travada e a polícia novamente teria ganho, à custa da morte de muitos soldados fiéis a Pereira. Os que sobreviveram, fugiram para Imaculada, mas lá também teriam sido derrotados. O autor finaliza seu folheto anunciando um segundo volume: *O Ataque de Princesa*²¹.

O autor desconhecido apenas cita as batalhas em Teixeira, Santana dos Garrotes, Nova Olinda e Piancó, apontando as bravas vitórias da polícia estadual.

Romano Elias prevê a vitória das tropas estaduais. Já o poeta Martins Costa tem uma visão um pouco pessimista sob o conflito, pois, João Pessoa estava lutando sozinho contra um grupo de desalmados e que este esperava a ajuda de seus amigos (o Rio Grande do Sul e Minas Gerais) na luta contra os cangaceiros. Segundo ele,

Talvez ganhe os cangaceiros
Perca o governo em questão,
Pois esses tem o auxílio
De arma e de munição
E talvez até o apoio
Do governo da União (COSTA, 1930, p. 16).

João Severino da Silva é mais otimista ao garantir a futura derrota de Princesa. Ele afirma que João Pessoa tinha armas e soldados em grande quantidade. Aborda os “horrores” do sertão, onde, “Zé Pereira e os cangaceiros matam até pagão” (p. 5), fala que só morrem cangaceiros e civis nos conflitos, cita uma batalha (fantasiosa) onde 1200 “capangas” de Princesa foram derrotados pelas tropas preparadas do governo e afirma que a cidade rebelada estava cercada, morrendo gente toda hora.

²⁰ Foi feito uma pesquisa, mas nenhuma referência foi encontrada acerca do “bandido” citado no folheto.

²¹ O folheto não foi encontrado nos acervos consultados.

Pessoa que veio de lá
Contou-me o acontecido
Morre tanto cangaceiro
Fóra os que fogem ferido;
Ali parece frevo
Contar tudo eu não me atrevo
Fico um pouco compungido (SILVA, 1930, p. 6).

E conclui com a certeza da futura derrota de Princesa, dando salves para vários políticos do Partido Liberal.

A derrota de Princesa, ao contrário do que defendiam os poetas de cordel, estava longe de acontecer. As tropas estaduais não dispunham de força bélica, muito menos de contingente necessário para vencer os sublevados. Entretanto, um imprevisto aconteceu. No dia 26 de julho de 1930, João Pessoa cai morto sobre o chão da Confeitaria Glória, localizada no Recife – Pernambuco. O assassino era João Dantas, perrepista e aliado de José Pereira. Sua morte é devido a razões pessoais, mas denunciada como produto da política anti-Aliança Liberal, o que galvaniza novamente o processo conspiratório, processo que estava em declínio... (CARONE apud VARELA, 2010, p. 218). Com a morte de João Pessoa, o governo federal resolve pôr em termo à revolta de Princesa (RODRIGUES, 1981, p. 72). Dia 30 de julho de 1930, quatro dias após a morte de Pessoa, Princesa é derrotada.

2.3 – O assassinato de João Pessoa

A morte de João Pessoa provocou uma série de convulsões em todo o país. O jornal Folha da Manhã²², dia 27 de julho de 1930, ao tratar das primeiras notícias sobre a morte de Pessoa, afirma

RIO, 26 — Urgentissimo — Á noite começou a correr nesta capital, que havia sido assassinado na cidade do Recife, aonde chegára de manhã, o presidente João Pessoa. O assassinato teria ocorrido na Confeitaria Gloria depois de um incidente entre o presidente da Parahyba e o seu matador. Parece que este é um senhor de sobrenome Dantas. O assassino fugiu. Até este instante nenhuma notícia recebemos do nosso correspondente em Recife.

A precariedade das informações se deve as dificuldades comunicativas existentes no Brasil no período. O principal meio de comunicação a distância na década de 30 era o Telegrafo, seguido pelo telefone, que era possuído por poucas pessoas e com condições financeiras favoráveis. A notícia sobre a recepção da morte de Pessoa em Belém do Pará fora

²² Jornal foi transcrito e está disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/dossietexto2.htm>> acesso em 20/03/2016.

transmitida, pela Folha da Manhã em 27 de julho de 1930, da seguinte forma: “BELEM, 26 —Urgente— Telegraphamos às 19,20 horas. Os jornaes acabam de afixar a noticia do assassinato do sr. João Pessoa, em Recife. Enorme multidão estaciona em frente aos jornaes”. Os jornais se transformavam no principal veículo para as informações no âmbito local e, até mesmo, no sentido de levar as notícias para o interior do país.

Nossa pesquisa conseguiu localizar alguns folhetos que tratam, no período em recorte, da morte do político João Pessoa. Os títulos são: 1) *A morte do Grande Presidente João Pessoa*, de autoria do cordelista paraibano Laurindo Gomes Maciel²³ e publicado em 1930; 2) *Viva a Revolução*, de autoria de Laurindo Gomes Maciel; 3) *A Mizeria de 1930 e o choro de 1931*, de autoria de Egídio de Oliveira Lima (1931); 4) *A Parahyaba de Luto: O barbaro assassinato do Bravo presidente João Pessoa em Recife – vol 1*, de autoria de Egídio de Oliveira Lima sob o pseudônimo de Zé Parahybano; 5) *A victoria da Revolução Brasileira*, de autoria desconhecida e publicada em 1930 no Recife; 6) *A Revolução Victoriosa* de autoria do poeta Arinos de Belém e publicada em 1930 pela editora paraense Guajarina; e 7) *Assassinato do Presidente João Pessoa*, de autoria do cordelista Thadeu de Serpa Martins e publicado pela Editora Guajarina em 1930.

A indignação da população com o “terrível assassinato” fora registrada pelos poetas da literatura de cordel, que não mediram esforços para engrandecer ainda mais a figura do político morto, a exemplo do folheto *A Mizéria de 1930 e o choro de 1931*:

No Estado da Parahyba
Gente que viu me contou:
A choradeira faz pena,
Até a creança chorou
Não há quem não se condôa
Da morte de João Pessoa
Da falta que elle deixou (LIMA, 1931, p. 8).

O poeta Egídio de Oliveira Lima utiliza, em *A Parahyaba de Luto: O barbaro assassinato do Bravo presidente João Pessoa em Recife*, os mesmos argumentos relativos ao luto em que a Paraíba estava, entretanto, ele vai além ao afirmar que o próprio Deus se comoveu com a morte de João Pessoa. Vejamos, o poeta afirma que a entidade mais poderosa e respeitada de sua sociedade e cultura se comoveu com o assassinato do dia 26 de julho de 1930, de modo que ele transmite a ideia de que o político morto era um enviado direto do próprio Deus cristão.

²³ O cordel não traz informações quanto ao local nem ao ano de sua publicação. Mas, supõe-se que este tenha sido publicado no ano de 1930: “De Parahybasahiu/ Essa personalidade, / A vinte seis do **corrente**” (A morte do Grande presidente João Pessoa, p1, grifo meu) e que tenha sido escrito na Bahia, lugar onde o autor residia nos anteriores e posteriores à morte do presidente.

A morte de João Pessoa
E' um crime que clama aos céos,
A barbaridade é tanta
Que comove o próprio Deus!
Pois o grande presidente
Só o bem fazia aos seus! (LIMA, s/d, p. 1).

Em seu folheto *A morte do Grande Presidente João Pessoa*, Laurindo Gomes Maciel firma que João Pessoa teria viajado à Recife com o intuito de visitar um amigo que estava hospitalizado.

Tendo oportunidade
Nosso digno Presidente
Foi visitar um amigo
Que estava muito doente
No Hospital Centenario,
Achou ser bem necessário
Visital-o honradamente (MACIEL, 1930a, p.2).

Tal versão²⁴ também é apresentada por Egídio:

O presidente Pessoa
Resolvera visitar
O juiz Dr. Cunha Mello,
Tendo que se transportar
A Recife onde o amigo
Talvez tivesse a expirar! (LIMA, 1930, p. 2).

Segundo Laurindo Gomes, após a visitar seu amigo, o presidente foi almoçar e passear por algumas praças, mas sempre sem seguranças. Afirma, ainda, que em todos os lugares que chegava o presidente era sempre muito bem recebido²⁵. No final da tarde, Pessoa foi à Confeitaria Glória com seus “amigos direitos” e ele foi logo dizendo “somente chá eu aceito” (p.4). Nas palavras do poeta, o político estava muito feliz, quando o “monstro sanguinolento” entrou no recinto e disparou contra o “grande heróe da nação”. A narrativa está de acordo o evento noticiado pelo jornal União:

Estava elle um dia a tarde a conversar despreocupadamente, com alguns amigos, numa das Terras Vizinhas que auxiliava os quilombos, quando uma bala, surpreendeu-o e prostou-o ferido da morte!... O nosso grande heróe que por sua terra tornou-se MARTIR era uma bôa estrela quenos guiava no caminho da Ordem e Progresso...²⁶

Essa versão sobre acontecimento foi divulgada nas matérias jornalísticas presentes nos veículos de comunicação que apoiavam o governo. Na Parahyba, João Pessoa tinha sob seu poder o jornal A União, onde as matérias a serem publicadas passavam pelo aval do

²⁴ Que está de acordo com o que foi apresentado pelo historiador Genes Duarte Ribeiron (2009, p. 92).

²⁵Podemos perceber como há uma preocupação do cordelista em expor uma popularidade de João Pessoa, traçando a personalidade do político e evidenciando a sua aceitação por todos.

²⁶A União, João Pessoa, 26 jul. 1931, apud Aires.

governador paraibano, sendo publicado apenas o que era do seu interesse, como aponta Aires (2013). Tanto o jornal quanto o cordel têm a preocupação de elaborar um perfil de João Pessoa a partir de traços de sua personalidade ou atitudes corretas e honradas.

Ao narrar sobre a morte do Presidente, o cordelista expõe sua indignação. A morte desse homem “honrado” teria sido motivada por questões políticas, uma vez que os Perrepistas, inimigos políticos da Aliança Liberal, teriam planejado a morte de João Pessoa e também encontrado na figura de João Dantas o assassino perfeito. O autor deixa bem claro seu posicionamento contrário ao perrepista, chegando a sentenciar os opositores a João Pessoa:

Digo a todo brasileiro
Do partido Alliancista
Fez pena ter derramado-se
O sangue de um estadista
Em todo estado do Norte
Se eu fosse a foice da morte
Não deixava um perrepista (MACIEL, p.6, 1930a, grifo nosso).

Fica evidente no referido cordel o posicionamento de indignação quanto ao crime cometido contra o presidente paraibano e sua intenção em anunciá-lo como herói, mas um verso em especial resume os sentimentos do autor:

A morte do grande heróe
Ficará como memoria
Porque na sua politica
Não pode alcançar victoria,
Aquella justa excellencia
Roubaram-lhe a existencia
Na Confeitaria Gloria (MACIEL, 1930a, p.5).

Para Laurindo Gomes, o presidente morto jamais será esquecido, ele “ficará como memória”. Ele foi transformado em um herói, o maior “heróe” do Brasil.

Outro folheto a qual tivemos contato foi o *Assassinato do Presidente João Pessoa*, de autoria do cordelista Thadeu de Serpa Martins, “escrita” quatro dias após a morte do político. Esse mesmo folheto foi analisado pelo Mark Joseph Curran (2003) no segundo capítulo (1920 – 1930: Os Anos Turbulentos) de seu livro *História do Brasil em Cordel*. Seguirei a mesma linha de raciocínio do autor enfatizando, entretanto, o posicionamento político do autor do cordel e a exibição imagética do político morto.

Logo na primeira estrofe, Thadeu de Serpa Martins vai ao ponto central da questão: o desejo de transformar o herói da Paraíba num “herói nacional”.

A vinte e oito de julho
N'um hotel pernambucano
Foi morto covardemente
O maior parahybano,
O homem de mais critério
Do Brasil republicano (MARTINS, 1930, p.1, grifo nosso).

Percebemos inicialmente um equívoco do cordelista ao informar a data da morte de João Pessoa, que ocorreu no dia vinte e seis de julho e não vinte e oito. Esse equívoco pode ser respaldado pela prematuridade das informações produzidas, já que o folheto foi escrito apenas quatro dias após a morte do político (30/07/1930). Um sintoma da ebulição de informações em torno do ocorrido e/ou a pressa do cordelista em vender os folhetos para leitores ansiosos por novas informações? Mas, o mesmo erro não foi cometido por Egídio, que no começo de seu folheto escreve em texto corrido: “O presidente João Pessoa foi assassinado em Recife, na “Confeitaria Glória”, á Rua Nova, pelo Dr. João D. Dantas do Teixeira, partidário de Zé Pereira de Princesa, a 26 de julho de 1930” (LIMA, 1930, p. 1).

Segundo o Thadeu de Serpa, o governador foi morto por motivos políticos, por causa de uma briga “com um chefe cangaceiro” (1930, p.1). Em março do mesmo ano, no município de Princesa, o coronel Zé Pereira declara guerra ao governo do estado e proclama a independência de sua cidade. E para o autor, a Guerra de Princesa foi motivada pela insatisfação dos políticos paraibanos com a campanha da Aliança Liberal para a sucessão presidencial, a qual João Pessoa fazia parte como vice-presidente. Em toda a narrativa, os homens contrários a João Pessoa são chamados de “cangaceiros”. Esses “cangaceiros” (p.2) estavam com ódio do presidente porque, em sua administração, a Parahyba tornara-se um estado com um orçamento mais controlado. Daí pode-se perceber que a mitificação de Pessoa não é algo que começa postumamente, como já fora apresentado. Antes a sua morte já se existia uma campanha publicitária, dos jornais oficiais, muito forte que exaltavam a prodigiosa administração de Pessoa. A luta entre as “tropas legaes” (heróis) e os “terríveis cangaceiros” (vilões) é o que marca o início do folheto.

A partir do evento de Princesa, o cordelista se empenha a explicar como se deu o assassinato de João Pessoa. Com o claro objetivo de traçar uma imagem heroica, ele não economiza no enredo que polariza o herói e o bandido, ao afirmar que a morte do político foi um crime “medonho”, em que seus inimigos percebendo que não podiam derrotar por “vias legaes”, “possivelmente” (p.6) se reuniram e decidiram por ceifar a sua vida. Eles precisavam de um “bandido” (p.6) para cometer o ato e é nesse momento que aparece um “vassalo do Conde Zé Pereira” (p.6). “Preparou-se então uma armadilha para João Pessoa, convidando-o a

viajar até Recife para firmar um acordo político com a oposição (Pereira)” (CURRAN, 2003). João Pessoa, saindo do carro “recebeu uma ferida mortal” (p.7). O assassino era o bacharel João Dantas, aliado político de Zé Pereira. Esse “monstro inhumano” (p.7) matou um dos homens mais “honrados” do Brasil. Tudo foi planejado pelo “vil cangaceiro” Zé Pereira que marcou o encontro com João Pessoa. Vendo o patrão caído, o “chauffeur” do presidente entra na confeitaria e atira destemidamente contra o assassino. Observe os versos do autor:

Chegou e viu o seu chefe
Morto, no chão estendido,
Sem proferir uma phrase
E num gesto decidido
Puchou pelo seu revolver
E atirou no bandido (MARTINS, 1930, p.8-9).

O poeta aponta o ato do Chofer como algo heroico e é nesse momento que encontramos a figura de um homem “simples” aparecendo em meio a uma história de “grandes homens”.

Deve o chauffeur se orgulhar
Do acto que praticou,
Se não fez melhor serviço
Foi porque o alvo elle errou
Más o seu heroico feito
Seu nome immortalizou (MARTINS, 1930, p.10).

Muito embora, o ato cometido pelo chofer em nada se compara aos praticados pelo herói morto. Esse homem ganha lugar de destaque em oito estrofes, dos sessenta e oito que o cordel possui. O poeta Egídio dedica uma estrofe para esse “heroe desconhecido”:

Fóra o choffeur de palacio
Que atirara. No estampido
João Dantas roja-se ao chão
Ligeiramente ferido,
A policia prende o corpo,
Garante logo o bandido (MARTINS, 1930, p. 7).

Talvez inconformado com a justiça, Thadeu Martins parece assumir no cordel o próprio lugar de juiz: afirma que Zé Pereira merecia ter o mesmo destino que Tiradentes, ser esquartejado. Desse modo, podemos observar que apesar de haver uma construção sobre o herói Tiradentes, como foi observado pelo historiador José Murilo de Carvalho (1990), ele ainda era visto por parte da população enquanto um “traidor” que mereceu ser brutalmente executado. Um traidor semelhante ao Coronel Pereira. Quanto a João Dantas,

Ao monstro que o matou

Sem a menor precisão,
No quero dizer-lhe o nome,
Me treme a penna na mão,
Rogo a Deus (se não for crime)
Que lhe lance a maldição (MARTINS, 1930, p.13).

João Dantas e seu primo aparecem mortos na cadeia e sobre isso o folheto *A victoria da Revolução Brasileira* de autoria desconhecida nos diz o seguinte:

João dantas com seu amigo
Poderam bem conhecer
Que o perdão para seus crimes
Nunca podiam obter
Ambos se suicidaram
Deste modo se livraram
Do mal que iam soffrer (1930, p. 14).

O crime cometido por João Duarte Dantas é considerado imperdoável. Ele matou, na visão dos poetas, o maior herói da nação, um homem justo e honrado, enviado por Deus.

A morte do presidente é articulada à revolução de 1930, sendo atribuída a motivações de rivalidades políticas. A construção de sua imagem de herói pode ser percebida através do ritual do fúnebre, quando o corpo do político é transportado por vários estados como símbolo da revolução. Nesse meio, a figura do político emerge como um herói nacional. Ruas, praças e prédios recebem seu nome, muda-se o nome da capital paraibana de Parahyba para João Pessoa, cria-se um feriado em sua homenagem.

Da Paraíba ao Rio de Janeiro, João Pessoa morto torna-se ator de um grande espetáculo, para o qual foi compulsoriamente convidado para representar o papel de “redemptor do Brasil”, “o inolvidável”, “o grande e bravo João Pessoa”, “o santo civil paraibano”, “o apóstolo, profeta e messias”, que chegou ao ponto de “doar sua vida em holocausto à nação”, numa espécie de suicídio altruísta que o consagrou como mártir das liberdades democráticas no Brasil (VARELA, 2010, p. 218).

A literatura de cordel jornalística, cuja função é a de informar o homem simples através de seus versos os acontecimentos, faz uma releitura das notícias proferidas pelos veículos informativos oficiais, mas não deixam de carregar consigo o discurso oficial, como podemos observar nos versos a seguir, de autoria do poeta Arinos de Belém:

O novo hino “João Pessôa”
Cantado de Norte A Sul
Há de gravado ficar
Neste horizonte taful
Que se descobre, altaneiro
Rebrilhando em céu azul. (BELÉM, 1930, p. 14)

Em 22 de setembro de 1930, pouco mais de um mês após a morte do ex-presidente, o hino em sua homenagem já havia sido gravado em disco de vinil²⁷, lançado pela Casa Edison, no Rio de Janeiro (AIRES, 2013, P. 212). De modo que, poucos dias após a morte de Pessoa, já havia um movimento, encabeçado pelos seus antigos correligionários, que tinha como intuito a constituição de um mártir heroico. O Hino de João Pessoa tem música de Eduardo Souto e letra do poeta pernambucano Oswaldo Santiago e foi encontrado na última folha da segunda edição do cordel *O Assassinato do Dr. João Pessoa* do Thadeu de Serpa, marcando uma clara aproximação entre o discurso oficial e aquele transmitido pelos poetas da literatura de cordel:

I PARTE

Lá do Norte um heróe altaneiro,
Que dapatria o amôr conquistou,
Foi um vivo pharol que ligeiro
Accendeu e depois se apagou

ESTRIBILHO

João Pessoa!
João Pessoa!
Bravo filho do Sertão
Toda patria espera um dia
A tua ressurreição.

João Pessoa!
João Pessoa!
O teu vulto varonil
Vive ainda!
Vive ainda!
No coração do Brasil.

II PARTE

Como um cedro que tomba na matta,
Sob um raio que em cheio o feriu,
Assim elle ante a fúria insensata
De um feróz inimigo cahiu.

ESTRIBILHO

João Pessoa! etc. etc.

III PARTE

Parahyba, oh! rincão pequenino,
Como grande este homem te fez,
Hoje em ti cabe todo o destino
Todo orgulho da nossa altivez.

²⁷ Provavelmente foi gravado em disco 78 Rpm, tendo em vista que o vinil só foi criado no final da década de 1940.

ESTRIBILHO

João Pessoa! etc. etc. (MARTINS, 1930, 4ª capa)

Podemos observar que muitos dos argumentos utilizados pelo autor da música para enaltecer o político João Pessoa, foram antes apresentados pelos poetas da literatura de cordel. Podemos supor que o autor teria lido os folhetos antes produzir sua música? Temo que não. Neste meio período, o autor estava morando no Rio de Janeiro, local onde, no período, o acesso a literatura nordestina era muito difícil. Podemos refletir então, em torno do lugar social do autor já que “ele era adepto fervoroso da campanha da Aliança Liberal” (RIBEIRO *apud* AIRES, 2013, p. 213) e por isso tenha recebido contato com os mesmos símbolos de engrandecimento e heroicização que os poetas da literatura de cordel.

Ao tratar da “revolução”, Laurindo Gomes Maciel, em seu folheto *Viva a Revolução*, apresenta João Pessoa como alguém iluminado pelo Espírito Santo, chegando a compará-lo a Cristo, pois, ele teria morrido na cruz para salvar a nação. Insiste nesse argumento ao garantir que o Brasil estava a salvo, pois João Pessoa o libertou com sua morte. “Este heroe de distinção / Nos libertou a nação/ Seu espirito entre nós / E’ puro, santo e veloz” ((1930b, v. 6-9, p.7). Segundo os autores, ele agiu enquanto um mártir, um verdadeiro herói que não teme a própria morte.

2.4 – A chegada de João Pessoa ao céu

O último tópico de nosso capítulo corresponde a uma análise sobre o folheto *A chegada de João Pessoa ao céu*, do poeta Laurindo Gomes Maciel e publicado pela Editora Guajarina. O autor se coloca enquanto personagem da narrativa, ele não se comporta como alguém que quer apenas informar ou expor sua opinião, mas sim como um mensageiro da verdade, partindo do pressuposto que o que o autor escrevia em seus versos era a verdade por ele defendida.

A história narra uma viagem do poeta, através de sonho, ao céu e ao inferno. Chegando ao céu, o narrador presencia o recebimento de João Pessoa no recinto celestial como um evento triunfal. Recebido por uma "legião de santos" e anunciado por "Lindos cânticos", João Pessoa aparece como um homem muito honrado, um herói brasileiro que é muito bem recebido por todos os santos.

Chegava ao céu nesse instante
Uma alma heroica bôa,
Uma legião de anjos
Lhe acompanha e entôa

Lindos cânticos anunciando
Que ao céu ia chegando
A alma de João Pessoa (MACIEL, 1931, p.1).

Mas, finalmente, chega a hora do seu julgamento. Quais seriam os seus pecados de tão justo homem? A cena é descrita da seguinte forma: João Pessoa apresenta-se à Corte celestial, composta por personagens que representavam as várias qualidades (razão, honestidade, saber, entre outros) e alguns defeitos (a mentira, falsidade, entre outros), possuindo o dever de defender e acusar o réu perante o “pae eterno”. Os *defeitos* lançaram contra João Pessoa uma série de acusações, dentre elas: "assassino e corrupto". Nesse mesmo instante, as *qualidades* defenderam o político daquelas “mentiras” e então expulsaram os “males” da morada eterna. No final, triunfa o bem.

Essa representação da chegada em outro plano não é uma exclusividade deste folheto²⁸, mas, ao que parece, foi o primeiro a propor tal narrativa. Tal conclusão foi concebida após uma consulta ao *Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas bancada*, onde o cordel de Laurindo Gomes é apresentado como o mais antigo a abordar a temática da chegada no céu. O mais célebre, entretanto, é o folheto *A chegada de Lampião no Céu* de autoria do cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante. Nele o poeta faz uma descrição do julgamento celestial do cangaceiro Lampião, onde este, depois de muitos embates, consegue, através a intercessão de Maria, o direito de buscar a salvação no Purgatório.

A imagem do julgamento celestial também está presente na literatura “oficial”. Em seu livro *Auto da Compadecida*, Ariano Suassuna (2008) se apropria de diversas narrativas cordelistas para construir sua história. Nela encontramos a presença do julgamento, onde os personagens principais são perdoados perante a bondade divina, condenados, entretanto, a buscar a salvação eterna no Purgatório. O que muito se assemelha a nossa narrativa. A crença cristã na remissão dos pecados e no perdão divino norteiam o pensamento dos poetas.

Também no caso do julgamento de João Pessoa, percebe-se esse mesmo cenário celestial: João Pessoa é descrito por Laurindo Gomes Maciel como um homem bom e humilde ao prostrar-se diante de deus. Ao pedir perdão por todos os seus pecados, ele justifica que suas lutas foram dirigidas contra seus inimigos e não ao “irmão, ao “fraco” ou ao “justo”:

Pae! Si na terra luctei
Não verti sangue de irmão,
Luctei ao sol da Justiça

²⁸A chegada de Getúlio Vargas no céu; A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento; A chegada de Hitler no inferno; A chegada de Lampião no Céu; A chegada de Lampião no Inferno, etc. Para conferir outros títulos, consultar *Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada* (p. 372- 373).

Com a vossa lei na mão,
Lucei pela integridade
Pela honra e honestidade
Justiça foi o meu braço.

Lucei a favor do fraco,
Fui de encontro ao opressor
Nunca empreguei a violência
Contra o justo ou pecador;
Minha lei foi a clemencia
P'ra todos tive indulgencia
Ao meu proximo tive amor (MACIEL, 1931, p. 5).

Marcando a diferença entre o herói e seu algoz, João Pessoa é descrito pelo autor, com todas as características de um bom cristão, de um verdadeiro herói da nação²⁹. Ele é humilde, justo, íntegro, honesto, clemente e indulgente. Possui as atribuições de um homem perfeito, mas ao ser humilde e admitir os seus pecados ele demonstra que o é. Ele reforça a sua bondade ao ser humilde perante Deus. O cordelista se coloca no texto a estabelecer um diálogo com o leitor, descrevendo “verdades” sobre João Pessoa. Essas "verdades" são possivelmente analisadas pelos seus consumidores, no momento de leitura.

Deus entende que todos os atos de João Pessoa o foram feitos com um propósito maior e o envia para a morada eterna, como mostra a seguinte estrofe:

E assim ficou no céu
Aquella alma pura e bôa
A gloria astral de seu nome
Por todo espaço ressoa
Na terra desconsolado
Geme o povo contristado
Relembrando João Pessoa (MACIEL, 1931, p.12).

Mas, se João Pessoa foi agraciado com a morada no céu, teria o seu opositor João Dantas tido o mesmo destino?

Após presenciar o julgamento de Pessoa no céu, nosso poeta viaja até outro lugar. Um lugar onde “tudo era terrível” (p.12), lá ele encontra-se com um diabo que o mostra todo o lugar. Mostra também, um cozinheiro fazendo um estranho café, feito para certo “coroné” (p.13). O autor faz referência ao Coronel Zé Pereira, que como já vimos era um inimigo político de João Pessoa e que teria sido o responsável, segundo os outros cordéis, pela

²⁹Para melhor compreensão sobre a construção imagética de João Pessoa, ler o capítulo *O adultério feminino e o fantasma da infidelidade (1920 – 1930)* de autoria de Maria do Socorro Cipriano, contido no livro *Outras Histórias: cultura e poder na Paraíba (1989-1930)*. No presente texto, a autora discorre, dentre outras questões, acerca das visões sobre João Pessoa com um homem fiel ao Estado e João Dantas como um traidor.

armadilha planejada para matar o João Pessoa. “Me disse o diabinho: aqui/ Esta sendo muito esperado/ Um rei truão e maluco/ Que armado de trabuco/ Fez de Princeza um estado” (p.13). O lugar de Zé Pereira no inferno já estava guardado.

Nesse momento, chega Satanás e entrega ao poeta um embrulho:

Com muita delicadeza
Elle disse: por favor
Quando for p’ra sua terra
Dê isso lá ao doutor...
E disse um nome conhecido,
Eu fiquei estarecido
Tremi até de pavor (MACIEL, 1931, p.14).

Fica explícito que o embrulho era para João Dantas. Após conhecer os quartos do inferno, o autor é empurrado do inferno e, nesse momento, ele cai de sua cama, era tudo um sonho.

A literatura de cordel permite ao poeta uma liberdade única: já que a justiça não havia sido feita no espaço terreno, o poeta tem a possibilidade de levar seu desejo até o mundo celestial. O céu, para uma sociedade cristã, se apresenta enquanto um mundo ideal, onde apenas os justos e honrados teriam a oportunidade de ir para lá após a sua morte. Para Laurindo Gomes, João Pessoa foi agraciado com essa dádiva. Já seus adversários teriam o inferno como seu destino final. No ideário cristão, é a moradia daqueles que foram maus enquanto vivos, cujo sofrimento será eterno.

3 – CONCLUSÃO

Diante de tudo o que foi observado, podemos verificar que a literatura de cordel contribuiu para a construção do mito João Pessoa – estudada por Queiroz Aires (2013) no âmbito mais “oficial”, pois, aquilo que o poeta dessa literatura escrevia era tomado como verdade por grande parte de seu público consumidor e isso ajudou a difundir a imagem heróica de Pessoa. Além do cordel, verifica-se uma enorme quantidade de estratégias utilizadas pelo partido da Aliança Liberal para engrandecer o político paraibano e para utilizar sua morte para legitimar o Golpe de 1930. A construção de sua imagem de herói pode ser percebida através do ritual do fúnebre, quando o corpo do político é transportado por vários estados como símbolo da revolução. Nesse meio, a figura do político emerge como um herói nacional. Ruas, praças e prédios recebem seu nome, muda-se o nome da capital paraibana de Parahyba para João Pessoa, cria-se um feriado em sua homenagem.

O movimento aliancista, que vinha se arrastando vagarosamente, acelerou-se sob o impacto do assassinato de João Pessoa. Foram retomadas as articulações a nível nacional para a tomada do poder. A palavra de ordem passou a ser vingança contra os perrepistas, enquanto João Pessoa era cultuado como um verdadeiro deus (GURJÃO, 1999, p. 75)

Segundo Mark Curran (2003), Getúlio Vargas é considerado o maior herói da literatura de cordel brasileira. Não nos aprofundaremos nessa questão, mas vale a pena perceber que tal posição não seria possível sem a morte de João Pessoa. A heroicização do político paraibano foi um elementantíssimo para o estabelecimento de novos regimes políticos (1930 e 1937), cumprindo assim seu papel de “herói da nação”. Aires, ao tratar da participação dos segmentos populares no processo de fabricação do mito João Pessoa, afirma que

Ao que parece, foram eles socializados nessa memória mitificada. [...] o Estado procurava “coopta-los” no sentido de conferir homogeneidade político-simbólica, criar um corpo político em torno dos governantes, buscando diluir os conflitos. A ideia era mais ou menos assim: Amai João Pessoa, que amareis a Paraíba e o Brasil. (AIRES, 2013, p. 239)

A suposição do historiador, parece ser preenchida com o estudo aqui proposto, pois, o caráter “popular” dessa literatura, que atingia todos os segmentos da sociedade, era possuído de um material simbólico caracterizado pela transmissão de uma verdade, muito mais confiável que aquela produzida pelos jornais e demais meios de comunicação, pois, o poeta – ao nos imaginarmos enquanto um popular da época – “era gente como a gente”, ele sentia na pele ou visualizava de perto os problemas sociais que atingiam as camadas mais pobres da população, adquirindo lanços de confiabilidade por proximidade. A presença do “hino a João

Pessôa” no folheto de Thadeu de Serpa Martins é uma marca visível da função de difusão dos símbolos oficiais por essa literatura. Mas não nos esqueçamos da criatividade do poeta que demonstrava em seus versos uma sensibilidade única, incapaz de ser transmitida por outro meio de comunicação.

Segundo Aires (2013), os movimentos do partido Liberal, póstumos a morte de Pessoa, desempenharam um papel importantíssimo na criação do mito João Pessoa, que surge como um símbolo de mudanças, da república velha e coronelística para a “república moderna” e “popular”.

A literatura de cordel jornalística, cuja função é a de informar o homem simples através de seus versos os acontecimentos, faz uma releitura das notícias proferidas pelos veículos informativos oficiais, mas não deixam de carregar consigo o discurso oficial. Como fora observado no decorrer de nossa pesquisa, viu-se que todos os catorze folhetos analisados apresentam a figura do político enquanto um herói. Mesmo aqueles que são produzidos e publicados antes de julho de 30 são caracterizados por uma exaltação ao político, o que nos supõe uma aproximação entre esse e a população mais pobre, tendo em vista a importância social do cordelista que era visto por sua comunidade enquanto um detentor do conhecimento e que transmitia a verdade dos fatos.

Todos os polos direcionavam para a mitificação de João Pessoa. Mas “quanto mais fracas as forças submetidas à uma direção estratégica, tanto mais estará sujeita à astúcia” (CAUSEWITZ apud CERTEAU, 1994, p. 101). Estratégias se revelam como as práticas dos fortes para manipular os fracos e a astúcia, que é utilizada como último recurso, para burlar as estratégias, configurando-se assim uma prática tática, ou seja, uma arte do fraco. Até que ponto o discurso oficial “traduzido” pela literatura de cordel predominava sobre seus consumidores? Deixarei essa provocação em aberto, como forma de instigação a um maior aprofundamento na pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999 – (*Coleção Histórias de Leitura*).

AIRES, José Luciano de Queiroz. **A fabricação do mito João Pessoa: Batalhas de memórias na Paraíba (1930-1945)**. – Campina Grande, EDUFPG, 2013.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A Feira dos Mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste, 1920-1950)**. – São Paulo: Intermeios, 2013.

_____. **Nordestino: Uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. – Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALMEIDA, Átila Augusto F. de; ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**, 2 vols. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB / Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia-UFPB, 1978.

_____. **Dicionário biobibliográfico de poetas populares**. 3º vol. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB / Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia-UFPB, 1990

ALMEIDA, José Américo de Almeida. **O ano do Nego**. João Pessoa: A União, 1978

ASSIS, Guaracy Medeiros de. **“A Paraíba Pequeninha e Doida”**: José Américo e a Revolução de 30. – Recife, 2005.

Banco de dados Folha. **Foi assassinado, em Recife, o Sr. João Pessoa**. Folha da Manhã, 27 de julho de 1930. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/dossietexto2.htm>>. Acesso em 04 de Abril de 2016.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. A chegada de Lampião no céu. In: BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. Natal, Fundação José Augusto, 1977

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A história ou a leitura do tempo**; tradução de Cristina Antunes. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. – 2. Ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

COLLADO, Maria Ángeles García. **Lectura e lectores de literatura de cordel en Brasil**. *Litterae*, n.2, p. 105-120, 2002.

DE MELO, Rosilene Alves. **Arcanos do verso**: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed. 1984.

GASPAR, Lúcia. **Edição de cordel no Brasil**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 04 de abril de 2016.

GUIMARÃES, Arthur Silveira. **Os caminhos de uma “Revolução”**: o movimento de 1930 na Paraíba. In: XIII Encontro Estadual de História/ História e historiografia, Guarabira, 2002, p. 1-13.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. A Paraíba Republicana: (1889-1945). In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da et al. **Estrutura de Poder na Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1999, p. 53- 95.

_____. **Estudando a História da Paraíba**. – 3ª ed. – Campina Grande: EDUEPB, 2004

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. – São Paulo: Claridade, 2010.

RODRIGUES, Inês Caminha Lopes. **A Revolta de Princesa**: poder privado x poder instituído. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SANTOS, Aderaldo Luciano. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. – Rio de Janeiro: Edições Adaga, 2012.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da compadecida**. – Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.

SYLVESTRE, Josué. **Da Revolução de 30 à queda do Estado Novo**: Fatos e Personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1930-1945). – Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1993.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memória de Lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). – São Paulo: Global Ed., 1983.

VARELA, Dinarte. A revolução de 1930 e os artefatos culturais. In: ABRANTES, Alômia; NETO, M. G. dos Santos (orgs). **Outras Histórias**: cultura e poder na Paraíba (1889 -1930). – João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2010.

VIDAL, Ademar. **João Pessoa e a Revolução de 30**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978.

FONTES UTILIZADAS:

Autor desconhecido. **A Victoria da Revolução Brasileira**. Recife, 1930. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

_____. **A Grande Guerra de Princesa** – Sua independência por José Pereira. Parahyba do Norte: Popular Editora, 1930. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

BELÉM, Arinos de. **A Revolução Victoriosa**. Pará: Editora Guajarina, 1930. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

COSTA, Martins. **Os Acontecimentos da Parahyba**. S/l, 1930. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

LIMA, Egídio de Oliveira. **A Mizeria de 1930 e o choro de 1931**. S/l, 1931. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

_____. **A Parahyba de Luto: O Barbaro Assassinato do Bravo Presidente João Pessôa em Recife**. Paraíba, s/d. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

MACIEL, Laurindo Gomes. **A morte do Grande Presidente João Pessôa**. S/l, 1930a. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

_____. **Viva a Revolução**. S/l, 1930b. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

_____. **A chegada de João Pessoa ao céu**. Pará: Editora Guajarina, 1931. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

MARTINS, Thadeu de Serpa. **O assassinato do Presidente João Pessoa**. Pará: Editora Guajarina, 1930. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

_____. **A Sucessão Presidencial**. Pará: Editora Guajarina, 1929. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

PAZ, Romano Elias da. **O rompimento de Princesa e os Acontecimentos de Teixeira, Immaculada e Sant'Anna dos Garrotes**. S/l, 1930. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

RESENDE, José Camelo de Melo. **A susseção presidencial ou o grande combate do partido conservador com o partido liberal**. S/l, 1929. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)

SILVA, João Severino da. **A Derrota de Princesa pelas Forças Legaes**. S/l, 1930. (Acervo Átila de Almeida – UEPB)